



**Roteiro polos espazos vitais e literarios de
Sophia de Mello en Lisboa**
Lisboa, 7 de decembro de 2024
Código en fprofe: G2403008



**XUNTA
DE GALICIA**

CONSELLERÍA DE EDUCACIÓN,
CIENCIA, UNIVERSIDADES E
FORMACIÓN PROFESIONAL

Índice

Ponto 1 – Miradouro Sophia de Mello. 03	
Ponto 2 – Igreja da Graça	08
Ponto 3 – Mosteiro de São Vicente de Fora	11
Ponto 4 – Panteão Nacional	16
Ponto 5 – Travessa das Mónicas, 57	19
Ponto 6 – Travessa das Mónicas, 28	29
Ponto 7 – Costa do Castelo.....	30
Ponto 8 – Calçada de Santana, nº 139	32
Ponto 9 – Portas de Santo Antão.....	34
Ponto 10 – Sé	42
Ponto 11 – Igreja de São Domingos	44
Ponto 12 – Largo do Carmo	47
Ponto 13 – Rua António Maria Cardoso, nº 68	53
Ponto 14 – Rua António Maria Cardoso, nº 22	55
Ponto 15 – Praça da Constituição de 1976	59
Ponto 16 – O Tejo	63



A Nau Catrineta e a poesia
por Sophia de Mello

«Na minha infância, antes de saber ler, ouvi recitar e aprendi de cor um antigo poema tradicional português, chamado *Nau Catrineta*. Tive assim a sorte de começar pela tradição oral, a sorte de conhecer o poema antes de conhecer a literatura.

Eu era de facto tão nova que nem sabia que os poemas eram escritos por pessoas, mas julgava que eram consubstanciais ao universo, que eram a respiração das coisas, o nome deste mundo dito por ele próprio.»

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN
(excerto inicial de «Arte Poética V»,
in *Ilhas*, Lisboa: Texto Editora, 1989).

A Nau Catrineta (Versão de Lisboa),
Fausto de *Histórias de Viajeiros* (1979)

Poema de Helena Lanari,

Gosto de ouvir o português do Brasil
Onde as palavras recuperam sua substância total
Concretas como frutos nítidas como pássaros
Gosto de ouvir a palavra com suas sílabas todas
Sem perder sequer um quinto de vogal

Quando Helena Lanari dizia o "coqueiro"
O coqueiro ficava muito mais vegetal.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1967)

Geografia

Apesar das ruínas e da morte,

Apesar das ruínas e da morte,
Onde sempre acabou cada ilusão,
A força dos meus sonhos é tão forte,
Que de tudo renasce a exaltação
E nunca as minhas mãos ficam vazias.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN
(1944) *Poesia*



Ponto 1 – Miradouro de Sophia de Mello, Miradouro da Graça ou Miradouro da Senhora do Monte



Miradouro Sophia Mello Breyner Andresen

O texto que compõe a **Arte Poética III** foi lido por Sophia de Mello, em 11 de Julho de 1964, no almoço de homenagem promovido pela Sociedade Portuguesa de Escritores, por ocasião da entrega do Grande Prémio de Poesia, atribuído ao seu *Livro Sexto*.

A coisa mais antiga... por Sophia de Mello
A poesia por Sophia de Mello

Texto 1

Arte Poética III

A coisa mais antiga de que me lembro é dum quarto em frente do mar dentro do qual estava poisada em cima duma mesa, uma maçã enorme e vermelha. Do brilho do mar e do vermelho da maçã erguia-se uma felicidade irrecusável, nua e inteira. Não era nada de fantástico, não era nada de imaginário: era a própria presença do real que eu descobria. Mais tarde a obra de outros artistas veio confirmar a objectividade do meu próprio olhar. Em Homero reconheci essa felicidade nua e inteira, esse esplendor da presença das coisas. E também a reconheci intensa, atenta e acesa na pintura de Amadeo de Sousa-Cardoso. Dizer que a obra de arte faz parte da cultura é uma coisa um pouco escolar e artificial. A obra de arte faz parte do real e é destino, realização, salvação e vida. (...)

Quem procura uma relação justa com a pedra, com a árvore, com o rio, é necessariamente levado, pelo espírito de verdade que o anima, a procurar uma relação justa com o homem. Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo. Aquele que vê o fenómeno quer ver todo o fenómeno. É apenas uma questão de atenção, de sequência e de rigor.

E é por isso que a poesia é uma moral. E é por isso que o poeta é levado a buscar a justiça pela própria natureza da sua poesia. (...) Como Antígona a poesia do nosso tempo diz: «Eu sou aquela que não aprendeu a ceder aos desastres.» (...) Mesmo que fale somente de pedras ou de brisas a obra do artista vem sempre dizer-nos isto: Que não somos apenas animais acossados na luta pela sobrevivência mas que somos, por direito natural, herdeiros da liberdade e da dignidade do ser.

No dia em que passaram cinco anos sobre a morte de Sophia de Mello Breyner Andresen foi atribuído o seu nome a um dos mais belos miradouros da cidade de Lisboa. No local erigiu-se também um monumento com o busto de Sophia, réplica de um original em bronze, esculpido nos anos 50 por António Duarte (1912-1998). Sophia muito raramente evocou Lisboa na sua poesia. Devotando um culto aos grandes espaços naturais – o mar, as montanhas e planícies – manifestou por vezes o seu desgosto pela vida fechada entre os muros e as paredes da cidade.

Sophia de Mello constitui um dos nomes mais representativos da poesia da língua portuguesa do século XX e viveu no bairro da Graça na década de 1950, na Travessa das Mónicas nº 57. Murilo Mendes, poeta brasileiro e amigo de Sophia, escreveu:

«Sophia de Mello Breyner Andresen mora na Graça, um dos poucos bairros, como a Alfama, que conservam o carácter específico da Lisboa portuguesa e árabe. Sua casa dá para um jardim meio selvagem [...] propondo-nos uma vista cenográfica sobre o Tejo e o Castelo de São Jorge»¹.

A Graça é um dos mais tradicionais bairros de Lisboa, com características urbanísticas diversificadas que vão desde uma antiga vila/residências operárias até os mais imponentes edifícios e casas. Estas características estão presentes nas ruas e passeios estreitos, becos, travessas, ladeiras, praças, sobrados e vilas residenciais, pequenas lojas, pastelarias, casa de fado, mercearias e cafés.

Nos poemas «Nocturno da Graça», publicado no livro, *Mar Novo*, em 1958, e «Lisboa» no livro, *Navegações*, em 1977, descrevem a paisagem de Lisboa em contextos históricos e políticos diferentes. O primeiro foi escrito no período do Estado Novo sob a ditadura salazarista e o segundo, na instauração da democracia em Portugal. Nos dois poemas, Sophia retrata o cotidiano da cidade de Lisboa com toda a complexidade histórica, política e social, caracterizando-a como cidade hostil, densa e movimentada. São poemas de forte apelo sensorial e imagético onde se entrelaçam símbolos e signos com a monumental e dura realidade da cidade moderna².

Texto 2

Lisboa

Digo:

«Lisboa»

Quando atravesso — vinda do sul — o rio

E a cidade a que chego abre-se como se do seu nome nascesse

Abre-se e ergue-se em sua extensão nocturna

Em seu longo luzir de azul e rio

Em seu corpo amontoado de colinas —

Vejo-a melhor porque a digo

Tudo se mostra melhor porque digo

Tudo mostra melhor o seu estar e a sua carência

Lisboa por
Teresa Rita
Lopes,
professora

¹ Mendes, M. Manuscrito do Espólio de Sophia de Mello Breyner Andresen doado à Biblioteca Nacional de Lisboa.

² Gomes, L. A. «Para uma cartografia afectiva da paisagem». In: *Viagens da Saudade*. Orgs. Sousa, C. Ribeiro, N. Araújo, R. Universidade do Porto/Faculdade de Letras, 2019. p.211-219.

Porque digo
 Lisboa com seu nome de ser e de não-ser
 Com seus meandros de espanto insónia e lata
 E seu secreto rebrilhar de coisa de teatro
 Seu conivente sorrir de intriga e máscara
 Enquanto o largo mar a Ocidente se dilata
 Lisboa oscilando como uma grande barca
 Lisboa cruelmente construída ao longo da sua própria ausência
 Digo o nome da cidade
 – Digo para ver

1977

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*



No poema «Nocturno da Graça», Sophia de Mello contempla e descreve a cidade de Lisboa a partir de planos sequenciais em perspectiva, cujas imagens sobrepostas de luz e sombra nos remete a espaços íntimos de silêncio e solidão em contraste com os sons e a fluidez das ruas movimentadas e densas. Na confluência entre o mundo real e simbólico por meio de metáforas, a poeta descreve as paisagens de Lisboa e seu cotidiano com lentes de aproximação e distanciamento, desvelando paisagens interiores e exteriores e transitando entre os espaços íntimos, públicos e míticos

As paisagens da cidade são capturadas a partir de um jardim próximo a sua casa, no bairro da Graça. O jardim é um dos lugares prediletos e muito presente na obra de Sophia representando refúgio, fonte de inspiração, lugar de contemplação, espaço de transição entre a casa e a rua. A poeta evoca o movimento ritmado das árvores no jardim, seus sons e a luz do rio Tejo e dos anúncios luminosos para decifrar a geografia da cidade com suas paisagens multifacetadas. No segundo plano, em contraposição ao pequeno jardim, descortina a paisagem urbana com suas ruas movimentadas, bares, lojas, becos, esquinas e escadas, casas com candeieiros e janelas baixas.

Atenta ao mundo circundante descreve o cotidiano dos seus moradores e o traçado de suas ruas movimentadas. Lisboa é descrita como uma cidade degradada e nostálgica, uma cidade alheia, estranha a si e hostil. Vale salientar que o espaço urbano com suas paisagens multifacetadas não é o espaço dominante na obra poética de Sophia, o que sugere o estranhamento da poeta em relação à cidade. O olhar de Sophia aproxima o passado e o presente por meio de memórias que refletem o sentir e o estar no mundo. São paisagens que relativizam o distante e o próximo, o dentro e o fora, silêncio e sons.

Texto 3

Nocturno da Graça

Há um rumor de bosque no pequeno jardim
 Um rumor de bosque no canto dos cedros
 Sob o íman azul da lua cheia

Nocturno da Graça por
 d'Aquele Oceano -
 Esquizofrenia

O rio cheio de escamas brilha.
Negra cheia de luzes brilha a cidade alheia.

Brilha a cidade dos anúncios luminosos
Com espiritismo bares cinemas
Com torvas janelas e seus torvos gozos
Brilha a cidade alheia.

Com seus bairros de becos e de escadas
De candeeiros tristes e nostálgicas
Mulheres lavando a loiça em frente das janelas
Ruas densas de gritos abafados
Castanholas de passos pelas esquinas
Viragens chiadas dos carros
Vultos atrás das cortinas
Cíclopes alucinados.
De igreja em igreja batem a hora os sinos
E uma paz de convento ali perdura
Como se a antiga cidade se erguesse das ruínas
Com sua noite trémula de velas
Cheia de aventura e de sossego.

Mas a cidade alheia brilha
Numa noite insone
De luzes fluorescentes
Numa noite cega surda presa
Onde soluça uma queixa cortada.

Sozinha estou contra a cidade alheia.
Comigo
Sobre o cais sobre o bordel e sobre a rua
Límpido e aceso
O silêncio dos astros continua.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1958) *Mar Novo*

Texto 4

Cidade

Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas,
Ó vida suja, hostil, inutilmente gasta,
Saber que existe o mar e as praias nuas,
Montanhas sem nome e planícies mais vastas
Que o mais vasto desejo,
E eu estou em ti fechada e apenas vejo
Os muros e as paredes, e não vejo
Nem o crescer do mar, nem o mudar das luas.
Saber que tomas em ti a minha vida
E que arrastas pela sombra das paredes
A minha alma que fora prometida
Às ondas brancas e às florestas verdes.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1944) *Poesía*

Cidade por
Sophia de Mello

Texto 5

A Forma Justa

Sei que seria possível construir o mundo justo
 As cidades poderiam ser claras e lavadas
 Pelo canto dos espaços e das fontes
 O céu o mar e a terra estão prontos
 A saciar a nossa fome do terrestre
 A terra onde estamos — se ninguém atraísse — proporia
 Cada dia a cada um a liberdade e o reino
 — Na concha na flor no homem e no fruto
 Se nada adoecer a própria forma é justa
 E no todo se integra como palavra em verso
 Sei que seria possível construir a forma justa
 De uma cidade humana que fosse
 Fiel à perfeição do universo
 Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco
 E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1977) *O nome das coisas*

A Forma Justa
 por
 opoetadacidade

Texto 6

Reza da manhã de maio

Senhor, dai-me a inocência dos animais
 Para que eu possa beber nesta manhã
 A harmonia e a força das coisas naturais.
 Apagai a máscara vazia e vã
 De humanidade,
 Apagai a vaidade,
 Para que eu me perca e me dissolva
 Na perfeição da manhã
 E para que o vento me devolva
 A parte de mim que vive
 À beira dum jardim que só eu tive.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1947) *Dia do mar*

Como uma flor
vermelha por
 Gracinda Nave,
 atriz

Texto 7

Como uma flor vermelha

À sua passagem a noite é vermelha,
 E a vida que temos parece
 Exausta, inútil, alheia.

Ninguém sabe onde vai nem donde vem,
 Mas o eco dos seus passos
 Enche o ar de caminhos e de espaços
 E acorda as ruas mortas.

Então o mistério das coisas estremece
 E o desconhecido cresce
 Como uma flor vermelha.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1944) *Poesia*

Ponto 1 – Igreja da Graça



O funeral de Sophia foi no dia da final da Euro 2004 entre Portugal e Grécia. Portugal perdeu...

Sophia morreu o 2 de julho de 2004 no Hospital Pulido Valente. Tinha 84 anos. O dia 3 de julho o seu corpo foi levado á câmara-ardecente na Igreja da Graça. O dia 4 de julho, centenas de pessoas assistiram à missa de corpo presente que antecedeu o funeral de Sophia de Mello Breyner. A homilia foi celebrada por Frei Bento Domingos e incluiu a leitura de poemas da escritora por um dos filhos, Miguel Sousa Tavares (leu o poema «Quando»), e por Maria Barroso (leu o poema «Carta aos Amigos Mortos») e Manuel Alegre. Poesia no funeral de Sophia de Mello Breyner

Pela Igreja a passaram, entre outras personalidades, o Presidente da República, Jorge Sampaio, o presidente da Câmara de Lisboa, Pedro Santana Lopes, o ministro da Cultura, Pedro Roseta, o ministro da Defesa, Paulo Portas, o líder socialista, Ferro Rodrigues, o ex-presidente da República, Mário Soares, a antiga primeira-ministra Maria de Lurdes Pintasilgo, a pintora Graça Morais, ou o escritor Urbano Tavares Rodrigues. Após a missa de corpo presente, a urna saiu em cortejo para o novo cemitério de Carnide, acompanhado por familiares e amigos.

Texto 8

Carta aos amigos mortos

Eis que morrestes — agora já não bate
O vosso coração cujo bater
Dava ritmo e esperança ao meu viver
Agora estais perdidos para mim
— O olhar não atravessa esta distância —
Nem irei procurar-vos pois não sou
Orpheu tendo escolhido para mim
Estar presente aqui onde estou viva
Eu vos desejo a paz nesse caminho
Fora do mundo que respiro e vejo
Porém aqui eu escolhi viver
Nada me resta senão olhar de frente
Neste país de dor e incerteza
Aqui eu escolhi permanecer
Onde a visão é dura e mais difícil

Aqui me resta apenas fazer frente
Ao rosto sujo de ódio e de injustiça
A lucidez me serve para ver
A cidade a cair muro por muro
E as faces a morrerem uma a uma

*Carta aos
amigos mortos
por Maria
Barroso*



E a morte que me corta ela me ensina
Que o sinal do homem não é uma coluna

E eu vos peço por este amor cortado
Que vos lembreis de mim lá onde o amor
Já não pode morrer nem ser quebrado
Que o vosso coração que já não bate
O tempo denso de sangue e de saudade
Mas vive a perfeição da claridade
Se compadeça de mim e de meu pranto
Se compadeça de mim e de meu canto

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1962) *Livro Sexto*

Texto 9

Quando

Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta
Continuará o jardim, o céu e o mar,
E como hoje igualmente hão-de bailar
As quatro estações à minha porta.

Outros em Abril passarão no pomar
Em que eu tantas vezes passei,
Haverá longos poentes sobre o mar,
Outros amarão as coisas que eu amei.

Será o mesmo brilho, a mesma festa,
Será o mesmo jardim à minha porta,
E os cabelos doirados da floresta,
Como se eu não estivesse morta.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1947) *Dia do Mar*

Quando por Rute
M. Gonçalves,
Assistente Social
e escritora

Texto 10

A casa de Deus

A casa de Deus está assente no chão
Os seus alicerces mergulham na terra
A casa de Deus está na terra onde os homens estão
Sujeita como os homens à lei da gravidade
Porém como a alma dos homens trespassada
Pelo mistério e a palavra da leveza

Os homens a constroem com materiais
Que vão buscar à terra
Pedra vidro metal cimento cal
Com suas mãos e pensamento a constroem
Mãos certas de pedreiro
Mãos hábeis de carpinteiro
Mão exacta do pintor
Cálculo do engenheiro
Desenho e cálculo do arquitecto
Com matéria e luz e espaço a constroem

Com atenção e engenho e esforço e paixão a constroem

Esta casa é feita de matéria para habitação do espírito
Como o corpo do homem é feito de matéria e manifesta o espírito

A casa é construída no tempo
Mas aqui os homens se reúnem em nome do Eterno
Em nome da promessa antiquíssima feita por Deus a Abraão
A Moisés a David e a todos os profetas
Em nome da vida que dada por nós nos é dada

É uma casa que se situa na imanência
Atenta à beleza e à diversidade da imanência
Erguida no mundo que nos foi dado
Para nossa habitação nossa invenção nosso conhecimento
Os homens constroem na terra

Situada no tempo
Para habitação da eternidade
Aqui procuramos pensar reconhecer
Sem máscara ilusão ou disfarce
E procuramos manter nosso espírito atento
Liso como a página em branco

Aqui para além da morte da lacuna da perda e do desastre
Celebramos a Páscoa

Aqui celebramos a claridade
Porque Deus nos criou para a alegria
Páscoa de 1990

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1990) *Poemas dispersos*

Texto 11

Deus escreve direito por linhas tortas

E a vida não vive em linha recta
Em cada célula do homem estão inscritas
A cor dos olhos e a argúcia do olhar
O desenho dos ossos e o contorno da boca
Por isso te olhas ao espelho:
E no espelho te buscas para te reconhecer
Porém em cada célula desde o início
Foi inscrito o signo veemente da tua liberdade
Pois foste criado e tens de ser real
Por isso não percas nunca teu fervor mais austero
Tua exigência de ti e por entre
Espelhos deformantes e desastres e desvios
Nem um momento só podes perder
A linha musical do encantamento
Que é teu sol tua luz teu alimento

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1997) *O Búzio de Cós e outros poemas*

*Deus escreve
direito por
linhas tortas* por
Bárbara Tavares,
professora

Ponto 3 – Panteão dos Bragança - Mosteiro de São Vicente de Fora

Junto ao Panteão dos Bragança, evocamos a ascendência aristocrática de Sophia.

Do lado **materno**:

- O seu **bisavô** era **Henrique Burnay**, de ascendência belga, 1º conde de Burnay, título concedido pelo rei D. Luís I. Nasceu em Lisboa, na freguesia de Nossa Senhora dos Mártires, no primeiro andar da rua de S. Paulo, n.º 12, filho de Henry Burnay, médico, e de Lambertine Agrès Josephine Forgeur, oriundos da Bélgica. Casou com **Maria Amélia de Carvalho Burnay** com a que teve 7 filhos/as, entre elas, Sofia de carvalho Burnay que casou com
- O seu **avô**, **Tomaz de Mello Breyner**, 4º Conde de Mafrã³, foi nomeado médico da Real Câmara pelo rei Dom Carlos I. A ele, que a ensinou a decorar poemas de Camões e Antero, ficou Sophia a dever a sua verdadeira iniciação na poesia. No dia 7 de janeiro de 1894, Tomás de Melo Breyner desposou **Sofia de Carvalho Burnay**. Tiveram nove filhos e filhas, entre elas, **Maria Amélia de Mello de Breyner**.
- **Maria Amélia de Mello de Breyner** casou com **João Henrique Andresen**.

Do lado **paterno**,

- O seu **bisavô** era **João Henrique Andresen (Jann Hinrich Andresen)**, nasceu em Dinamarca. Na adolescência tornou-se aprendiz de marinheiro. Em Poro, primeiro, empregou-se numa loja de candeeiros. Deu-se bem. Mais tarde, seguiu a sua paixão: os vinhos. Trabalhou afincadamente e era obstinado nos negócios. Em poucos anos, criou uma verdadeira fortuna com base no vinho do Porto. E aprendeu a falar e a escrever português num ápice. Em 1854, com a anexação das Frísias pelo imperador alemão, durante a Guerra dos Ducados, Jann Hinrich reagiu violentamente e pediu a naturalização portuguesa. D. Fernando II, príncipe regente,



Henrique Burnay
(Lisboa, 7 de janeiro de 1838 - 29 de março de 1909)



Maria Amélia de Carvalho Burnay
(20 de fevereiro de 1847 - 12 de julho de 1924)



Thomaz de Mello Breyner
(2 de setembro de 1866 - 24 de outubro de 1933)



Sofia de Carvalho Burnay
(30 de maio de 1875 - 20 de janeiro de 1948)



Jan Heinrich Andresen
(Oevenum, Dinamarca, 2 de setembro de 1826 - Lisboa, 7 de março de 1894)



Maria Leopoldina Guimarães de Amorim de Brito
(Braga, 20 de setembro de 1834 - 13 de novembro de 1903)

³ Nasceu naquele que veio a ser chamado de **Palácio Vila Flor** (inicialmente conhecido como **Casas da Costa do Castelo** e mais tarde **Palácio da Costa**, sendo que só posteriormente ficou denominado Palácio Vila Flor), junto ao Castelo de São Jorge.

concedeu-lha, no Paço de Sintra. A partir de então, o dinamarquês, que na altura já era um respeitado homem de negócios, passou a chamar-se João Henrique Andresen. E assim ficou conhecido para sempre. Em 19 de Agosto de 1860, casou com **Maria Leopoldina Guimarães de Amorim de Brito** (1834-1903), filha do médico militar Joaquim Tomás de Brito e de Maria Amélia Guimarães de Brito. Tiveram oito filhos.

- O avó, **João Henrique Andresen Júnior**, foi, na qualidade de primogénito, quem mais se dedicou à casa comercial deixada pelo seu pai. Herdando deste a dedicação e intrepidez nos negócios, João Andresen Júnior soube honrar o legado que lhe foi confiado, mantendo o sucesso da casa comercial e aumentando-o até. Tão respeitado quanto fora o pai no mundo dos negócios, ocupava o cargo de Presidente da Associação Comercial do Porto desde 1893, honrando o cargo com a defesa dos interesses comerciais da praça portuense, sobretudo no que diz respeito à marinha mercante. Contudo, a morte havia de surpreender João Henrique Andresen Júnior no auge da sua existência. Tinha apenas 39 anos de idade. Casou com **Johanna Henriette Margarethe Lehman**, e nasceram quatro filhos, um deles, João Henrique Andresen.



João Henrique Andresen
(Porto, 31 de julho de 1861 - 17 de outubro de 1900)



Johanna Henriette Margarethe Lehman
(02 de novembro de 1861 - 26 de maio de 1938)

- João Henrique Andresen** casou com **Maria Amélia de Carvalho Burnay** com a que teve 4 filhos/as, entre eles, **Maria Sophia de Melo Breyner Andresen**.

«Maria Amélia Burnay de Mello Breyner casa com João Andresen -o distraído- depois de lhe darem a escolher entre três dandidatos a noite. A pontaria aquele que lhe trouxesse um presente -destinou. Um chega com um ramo de flores, outro com uma caixa de chocolates. Perante o terceiro, o pretendente Andresen, Maria Amélia queis saber a oferenda. Talvez seguro de que causaria impressao com outros atributos, só consegue responder: 'Ai, que me esquecí!»



João Henrique Andresen
(Porto, 20 de julho de 1891 - 01 de dezembro de 1950)



Maria Amélia de Mello Breyner
(Estoril, 31 de agosto de 1898 - Vila Nova de Gaia, 17 de novembro de 1967)

Isabel Nery (2019) *Sophia de Mello Breymer Andresen*, p. 154.

Sophia nasceu no Porto o **6 de novembro de 1919** (morreu em Lisboa o 2 de julho de 2004), na Rua António Cardoso. A casa dos avós paternos era uma quinta com um imenso jardim romântico com varias estufas de plantas exóticas, inúmeras árvores de fruto e lagos. Um «território fabuloso», onde facilmente emergiam mundos encantados, na origem dos contos que Sophia escreveria para crianças.



Sophia ao colo da bisavó materna, M. Amélia, à esquerda a avó, Sophia, à direita, a mãe, Maria. Palácio Burnay, Junqueira, Lisboa. Natal de 1919

Quando, em 1962, publicou *Contos Exemplares*, algumas dessas narrativas foram entendidas como críticas ferozes ao mundo a que Sophia pertencia por nascimento e por classe. O conto «Retrato de Mónica» satiriza os Movimentos Nacionais Femininos, que constituíam a estrutura de apoio do regime de Salazar. Chocadas, algumas amigas de Sophia chegaram a questioná-la sobre esse texto: –«*Como é que tu foste capaz, ainda por cima um mundo que tu conheces tão por dentro?*» Sophia respondeu: –«*É que esse mundo de que falas que eu conheço por dentro, não tem dentro, só tem fora.*»

Texto 12

Vídeo dos antepassados de Sophia de Mello

O retrato de Mónica

Mónica é uma pessoa tão extraordinária que consegue simultaneamente: ser boa mãe de família, ser chiquíssima, ser dirigente da «Liga Internacional das Mulheres Inúteis», ajudar o marido nos negócios, fazer ginástica todas as manhãs, ser pontual, ter imensos amigos, dar muitos jantares, ir a muitos jantares, não fumar, não envelhecer, gostar de toda a gente, gostar dela, dizer bem de toda a gente, toda a gente dizer bem dela, coleccionar colheres do séc. XVII, jogar golfe, deitar-se tarde, levantar-se cedo, comer iogurte, fazer ioga, gostar de pintura abstracta, ser sócia de todas as sociedades musicais, estar sempre divertida, ser um belo exemplo de virtudes, ter muito sucesso e ser muito séria.

Na vida, conheci muitas pessoas parecidas com Mónica. Mas são só a sua caricatura. Esquecem-se sempre ou do ioga ou da pintura abstracta.

Por trás de tudo isto há um trabalho severo e sem tréguas e uma disciplina rigorosa e constante. Pode-se dizer que Mónica trabalha de sol a sol.

De facto, para conquistar todo o sucesso e todos os gloriosos bens que possui, Mónica teve que renunciar a três coisas: à poesia, ao amor e à santidade.

A poesia é oferecida a cada pessoa só uma vez e o efeito da negação é irreversível. O amor é oferecido raramente e aquele que o nega algumas vezes depois não o encontra mais. Mas a santidade é oferecida a cada pessoa de novo cada dia, e por isso aqueles que renunciam à santidade são obrigados a repetir a negação todos os dias.

Isto obriga Mónica a observar uma disciplina severa. Como se diz no circo, «qualquer distracção pode causar a morte do artista». Mónica nunca tem uma distracção. Todos os seus vestidos são bem escolhidos e todos os seus amigos são úteis. Como um instrumento de precisão, ela mede o grau de utilidade de todas as situações e de todas as pessoas. E como um cavalo bem ensinado, ela salta sem tocar os obstáculos e limpa todos os percursos. Por isso tudo lhe corre bem, até os desgostos.

Os jantares de Mónica também correm sempre muito bem. Cada lugar é um emprego de capital. A comida é ótima e na conversa toda a gente está sempre de acordo, porque Mónica nunca convida pessoas que possam ter opiniões inoportunas. Ela põe a sua inteligência ao serviço da estupidez. Ou, mais exactamente: a sua inteligência é feita da estupidez dos outros. Esta é a forma de inteligência que garante o domínio. Por isso o reino de Mónica é sólido e grande.

Ela é íntima de mandarins e de banqueiros e é também íntima de manicuras, caixeiros e cabeleireiros. Quando ela chega a um cabeleireiro ou a uma loja, fala

O retrato de Mónica por Marta Monteiro Alves, escritora

sempre com a voz num tom mais elevado para que todos compreendam que ela chegou. E precipitam-se manicuras e caixeiros. A chegada de Mónica é, em toda a parte, sempre um sucesso. Quando ela está na praia, o próprio Sol se enerva.

O marido de Mónica é um pobre diabo que Mónica transformou num homem importantíssimo. Deste marido maçador Mónica tem tirado o máximo rendimento. Ela ajuda-o, aconselha-o, governa-o. Quando ele é nomeado administrador de mais alguma coisa, é Mónica que é nomeada. Eles não são o homem e a mulher. Não são o casamento. São, antes, dois sócios trabalhando para o triunfo da mesma firma. O contrato que os une é indissolúvel, pois o divórcio arruína as situações mundanas. O mundo dos negócios é bem-pensante.

É por isso que Mónica, tendo renunciado à santidade, se dedica com grande dinamismo a obras de caridade. Ela faz casacos de tricot para as crianças que os seus amigos condenam à fome. Às vezes, quando os casacos estão prontos, as crianças já morreram de fome. Mas a vida continua. E o sucesso de Mónica também. Ela todos os anos parece mais nova. A miséria, a humilhação, a ruína não roçam sequer a fímbria dos seus vestidos. Entre ela e os humilhados e ofendidos não há nada de comum.

E por isso Mónica está nas melhores relações com o Príncipe deste Mundo. Ela é sua partidária fiel, cantora das suas virtudes, admiradora de seus silêncios e de seus discursos. Admiradora da sua obra, que está ao serviço dela, admiradora do seu espírito, que ela serve.

Pode-se dizer que em cada edifício construído neste tempo houve sempre uma pedra trazida por Mónica.

Há vários meses que não vejo Mónica. Ultimamente contaram-me que em certa festa ela estivera muito tempo conversando com o Príncipe deste Mundo. Falavam os dois com grande intimidade. Nisto não há evidentemente, nenhum mal. Toda a gente sabe que Mónica é seríssima toda a gente sabe que o Príncipe deste Mundo é um homem austero e casto.

Não é o desejo do amor que os une. O que os une é justamente uma vontade sem amor. E é natural que ele mostre publicamente a sua gratidão por Mónica. Todos sabemos que ela é o seu maior apoio; mais firme fundamento do seu poder.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1996) *Contos exemplares*

Texto 13

Retrato de uma princesa desconhecida

Para que ela tivesse um pescoço tão fino
 Para que os seus pulsos tivessem um quebrar de caule
 Para que os seus olhos fossem tão frontais e limpos
 Para que a sua espinha fosse tão direita
 E ela usasse a cabeça tão erguida
 Com uma tão simples claridade sobre a testa
 Foram necessárias sucessivas gerações de escravos
 De corpo dobrado e grossas mãos pacientes
 Servindo sucessivas gerações de príncipes
 Ainda um pouco toscos e grosseiros
 Ávidos cruéis e fraudulentos
 Foi um imenso desperdiçar de gente
 Para que ela fosse aquela perfeição
 Solitária exilada sem destino

*Retrato de uma
 princesa
 desconhecida
 por Inês Pereira,
 professora*

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1972) *Dual*

Texto 14

No alto mar

à memória do meu Pai

No alto mar
A luz escorre
Lisa sobre a água.
Planície infinita
Que ninguém habita.

O Sol brilha enorme
Sem que ninguém forme
Gestos na sua luz.

Livre e verde a água ondula
Graça que não modula
O sonho de ninguém.

São claros e vastos os espaços
Onde baloiça o vento
E ninguém nunca de delícia ou de tormento
Abre neles os seus braços.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1944) *Poesia*

Na correspondência entre Sophia e Jorge da Sena, 31 de dezembro de 1967, diz⁴: «A minha Mãe estava ligada à raiz de coisas essenciais: é uma das raras pessoas que aparece nos três primeiros livros onde quase só há árvores e praias. 'Terror de te amar' (no *Coral*) e 'os teus olhos escorrem como fonte' (*Dia do Mar*) são feitos à minha mãe. Só o tempo me pode ajudar a esclarecer dentro de mim esta separação.»

Texto 15

Terror de te amar

Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo

Mal de te amar neste lugar de imperfeição
Onde tudo nos quebra e emudece
Onde tudo nos mente e nos separa.

Que nenhuma estrela queime o teu perfil
Que nenhum deus se lembre do teu nome
Que nem o vento passe onde tu passas.

Para ti eu criarei um dia puro
Livre como o vento e repetido
Como o florir das ondas ordenadas.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1950) *Coral*

**Terror de te
amar** por
Dizedor
(Guilherme
Gomes e
Eduardo Breda)

⁴ Sophia de Mello Breyner e Jorge de Sena. *Correspondência 1959-1978*, Guerra&Paz, Lisboa 2010, p. 107.

Ponto 4 – Panteão Nacional



Trasladação dos restos mortais da poetisa Sophia de Mello Breyner para o Panteão Nacional



Panteão Nacional

- **Sophia de Mello Breyner está no Panteão Nacional**
- **Sophia de Mello Breyner Andresen no Panteão Nacional. Reportagem da Cerimónia de transladação de Sophia de Mello Breyner Andresen para o Panteão Nacional (2 Julho 2014)**
- **Cerimónia de Concessão de Honras de Panteão Nacional a Sophia de Mello Breyner Andresen (2 de julho de 2014)**
- Sophia falando sobre a eternidade

Sophia morreu em Lisboa a **2 de Julho de 2004** aos 84 anos no Hospital Pulido Valente depois de um internamento de duas semanas. Foi enterrada no cemitério de Carnide. O **2 de Julho de 2014**, foi transladada para o Panteão Nacional no dia em que se completaram 10 anos da sua morte. A cerimónia partiu do cemitério de Carnide passando pela Capela do Rato, pela Assembleia da República, seguindo depois pelo caminho junto ao rio, até ao monumento que não fica distante da casa na colina da Graça, onde viveu Sophia de Mello Breyner Andresen.

Texto 16

Regressarei

Eu regressarei ao poema como à pátria à casa
Como à antiga infância que perdi por descuido
Para buscar obstinada a substância de tudo
E gritar de paixão sob mil luzes acesas.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1977) *O nome das coisas*

Texto 17

O poema

O poema me levará no tempo
Quando eu não for a habitação do tempo
E passarei sozinha
Entre as mãos de quem lê

O poema alguém o dirá
Às searas

Sua passagem se confundirá
Com o rumor do mar com o passar do vento

O poema habitará
O espaço mais concreto e mais atento

No ar claro nas tardes transparentes
Suas sílabas redondas

(Ó antigas ó longas
Eternas tardes lisas)

Mesmo que eu morra o poema encontrará
Uma praia onde quebrar as suas ondas

E entre quatro paredes densas
De funda e devorada solidão
Alguém seu próprio ser confundirá
Com o poema no tempo

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1962) *Livro Sexto*

O Panteão guarda os restos mortais de muitas personalidades importantes para a história e a cultura portuguesa. Estão sepultados no local os ex-presidentes da República de Portugal Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, Sidónio Pais e Óscar Carmona; os escritores Almeida Garrett, Aquilino Ribeiro, Guerra Junqueiro e João de Deus; a artista Amália Rodrigues; o Marechal Humberto Delgado; a poeta Sophia de Mello Breyner Andresen e o jogador de futebol Eusébio da Silva Ferreira, falecido em 2014.

Além destas, memoriais fúnebres homenageiam personalidades históricas no país, cujos restos mortais estão em outro local ou têm seu paradeiro desconhecido. É o caso do poeta Luís de Camões, dos navegadores Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama, do Infante D. Henrique, do estadista Afonso de Albuquerque, e do comandante militar D. Nuno Álvares Pereira.

Texto 18

Apesar das ruínas e da morte,
Onde sempre acabou cada ilusão,
A força dos meus sonhos é tão forte,
Que de tudo renasce a exaltação
E nunca as minhas mãos ficam vazias.

Apesar das ruínas e da morte
por Maria Bethânia

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1944) *Poesia*

Texto 19

Meditação do Duque de Gandia sobre a morte de Isabel de Portugal

Nunca mais
A tua face será pura limpa e viva
Nem o teu andar como onda fugitiva

Se poderá nos passos do tempo tecer.
E nunca mais darei ao tempo a minha vida.

Nunca mais servirei senhor que possa morrer.
A luz da tarde mostra-me os destroços
Do teu ser. Em breve a podridão
Beberá os teus olhos e os teus ossos
Tomando a tua mão na sua mão.

Nunca mais amarei quem não possa viver
Sempre,
Porque eu amei como se fossem eternos
A glória, a luz e o brilho do teu ser,
Amei-te em verdade e transparência
E nem sequer me resta a tua ausência,
És um rosto de nojo e negação
E eu fecho os olhos para não te ver.

Nunca mais servirei senhor que possa morrer.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1958) *Mar novo*

***Meditação do Duque de
Gândia sobre a morte
de Isabel de Portugal***
por Ana Luísa Amaral
ou Rita Loureiro,
programa da RTP *Um
poema por semana*

Texto 20

Por delicadeza

Bailarina fui
Mas nunca dancei
Em frente das grades
Só três passos dei

Tão breve o começo
Tão cedo negado
Dancei no avesso
Do tempo bailado

Dançarina fui
Mas nunca bailei
Deixei-me ficar
Na prisão do rei

Onde o mar aberto
E o tempo lavado?
Perdi-me tão perto

Do jardim buscado

Bailarina fui
Mas nunca bailei
Minha vida toda
Como cega errei

Minha vida atada
Nunca a desatei
Como Rimbaud disse
Também eu direi:

«Juventude ociosa
Por tudo iludida
Por delicadeza
Perdi minha vida»

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1977)

O nome das coisas

Por de licadeza
por Bailarina

Ponto 5 – Travessa das Mónicas, nº 57, 1º andar



Sophia e Francisco no dia do casamento, a 27 de novembro de 1946, na igreja de Lordelo do Ouro.

Casamento, família e casa de Sophia de Mello

No dia 27 de Novembro de 1946, Sophia casou com o jornalista, político e advogado **Francisco José Carneiro de Sousa Tavares** (Lisboa, 12 de junho de 1920 - 25 de maio de 1993), na Igreja de Lordelo do Ouro, no Porto perante 160 convidados. A união com aquele homem desajeitado, de voz grave e assumidamente monárquico, não foi compreendida pela família dela. Como disse Eugénio de Andrade à revista *Relâmpago*: «**Todos os seus amigos estavam, de um ou outro modo, enamorados dela.**»

Tratavam-se por **Tareco**, alcunha que Francisco recebera no colégio e que detestava, e **Xixa** -como Sophia era conhecida entre a família. Foi na Granja, a estância de verão das famílias abastadas do Porto, que Xixa e Tareco se conheceram e terão ficado célebres as danças na Assembleia da Granja, um salão para espetáculos e jantares. Sobre a primeira vez que se viram, Francisco escreveu: «**Não ficara certo de ter visto uma mulher ou uma Deusa**», consta das suas memórias publicadas no *DN* em maio de 1993.

«Gosto de si porque você gosta da vida. Libertou-me da minha loucura. Um dia, uma pessoa disse-me que eu estava prisioneira, encadeada, e que estava à espera de alguém que me viesse libertar. Matar os monstros e romper as correntes. Gosto de si porque você gosta da vida. É uma criança e é um pouco doido. E gosto de si porque gosto de mim. Boa noite». Sophia assinou como Xixa.

Anos depois, em 1962, Sophia dedicaria a Francisco o livro *Contos Exemplares*. E escrevia-lhe, na dedicatória. «**Para o Francisco, que me ensinou a coragem e a alegria do combate desigual.**» Mas essa foi a dedicatória mais pública. Num exemplar que ofereceu ao marido, escreve: «**Para o Francisco, com a memória dos inumeráveis combates que travamos juntos todos os dias contra a estupidez, a mentira, a mediocridade. Com a minha confiança em todas as coisas verdadeiras e claras, em todas as matérias de Esperança.**»

Publicou seus primeiros poemas em **1940** nos *Cadernos de Poesia*, uma extinta revista literária portuguesa. A partir de 1944 começa a se dedicar à literatura e escreve poesias inspiradas em sua infância e juventude, tais como «O Jardim e a Casa», «Casa Branca», «O Jardim Perdido» e «Jardim e a Noite», histórias inspiradas na Quinta do Campo Alegre, uma propriedade de seu avô na cidade do Porto -cujo jardim influenciou suas futuras obras

Obra poética

- *Poesia* (1944)
- *Dia do Mar* (1947)
- *Coral* (1950)
- *No Tempo Dividido* (1954)
- *Mar Novo* (1958)
- *Livro Sexto* (1962)
- *O Cristo Cigano* (1961)
- *Geografia* (1967)
- *Grades* (1970)
- *11 Poemas* (1971)
- *Dual* (1972)
- *O Nome das Coisas* (1977)
- *Navegações* (1983)
- *Ilhas* (1989)
- *Musa* (1994)
- *Signo* (1994)
- *O Búzio de Cós e outros poemas* (1997)
- *Mar* (2001, antologia)
- *Orpheu e Eurydice* (2001)

Contos

- *Contos Exemplares* (1962)
- *Os três reis do Oriente* (1965)
- *Histórias da Terra e do Mar* (1984)
- *Era uma vez uma praia Atlântica* (1997)
- *O anjo de Timor* (2003)
- *Quatro contos dispersos* (2008)

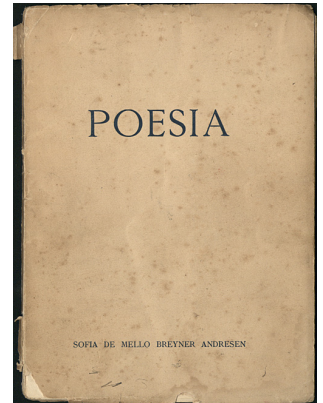
Contos infantis

- *A Menina do Mar* (1958)
- *A Fada Oriana* (1958)
- *A Noite de Natal* (1959)
- *O Cavaleiro da Dinamarca* (1964)
- *O Rapaz de Bronze* (1966)
- *A Floresta* (1968)
- *A Árvore* (1985)

Teatro

- *O Bojador* (2000)
- *O Colar* (2001)

infantis, lá ela se encontrava e se inspirava com um de seus mais marcantes elementos poéticos em suas obras, a natureza. Assim, dois anos antes de casarem, em **1944**, Sophia editou o seu primeiro livro, *Poesia*. Então, ainda assinava sem o **ph** que recuperaria mais tarde. O seu pai, João Henrique Andresen, pagou uma edição de autor de 330 exemplares. Ela guardou 100 para distribuir e os restantes venderam-se logo.



Anos antes, em **1938**, Sophia frequentou o curso de Filologia Clássica (1936-1939), na **Faculdade de Letras de Lisboa**, que nunca chegou a concluir⁵. Considerava-se uma rebelde que preferia ser autodidata. Francisco terminou o curso de Direito, um ano antes do casamento, em 1945. Em oito anos, tiveram cinco filhos:

- Maria Andresen Sousa Tavares (Porto, 9 de outubro de 1948).
- Isabel Sofia Andresen Sousa Tavares (Porto, 21 de outubro de 1949).
- Miguel Andresen de Sousa Tavares (Porto, 25 junho de 1951).
- Sofia Andresen Sousa Tavares (Lisboa, 16 de março de 1953).
- Francisco Xavier Andresen Sousa Tavares (Lisboa, 30 de outubro de 1956).

Em 1950 morre o pai. No dia **3 de Novembro de 1951** Sophia, o marido e os três filhos já nascidos, mudaram-se para Lisboa e começaram a viver no nº 57, 1º andar, da Travessa das Mónicas onde viverá até morrer, o 2 de julho de 2004.

«Quando era nova e vim para Lisboa sentia-me longíssimo da praia porque no Porto vivi mais perto do Mar. Não gostava

⁵ Desde a sua criação por D. Pedro V até 1958, o curso superior de letras e, posteriormente, a faculdade de letras da Universidade de Lisboa (após 1911), funcionou em edifícios anexos à Academia de Ciências de Lisboa (na rua da Academia das Ciências de Lisboa). Foi finalmente em 1958 que a FLUL adquiriu instalações próprias, onde ainda funciona atualmente.



Travessa das Mónicas

de Lisboa tinha uma grande nostalgia do Norte. Depois disso passou e gosto de Lisboa, embora a cidade esteja difícil e suja.»

Depois de instalada escreveu um postal

à mãe: «Estou na Graça! Cheguei hoje. Passei esta semana a abrir e a desembulhar as coisas que me mandou. São tão bonitas. Ficam aqui tão bem. Tenho tudo o que preciso! A casa está linda! (...)».

Embora a maternidade a tenha afastado um pouco da escrita, a década de 50 foi de grande produção literária —Sophia não encontrava nas livrarias nada de bom para ler à descendência assim muitos destes contos foram escritos quando os filhos tiveram sarampo. «O médico tinha dito que eles deviam ficar na cama, bem cobertos, bem agasalhados. Para isso era preciso entretê-los o dia inteiro». Lê-se num depoimento publicado em 1986. «Mande comprar alguns livros que tentei ler em voz alta. Mas não suportei a pieguice da linguagem nem a sentimentalidade da «mensagem»: uma criança é uma criança, não é um pateta. Atirei os livros fora e resolvi inventar. Procurei a memória daquilo que tinha fascinado a minha própria infância. (...) Nas minhas histórias para crianças quase tudo é escrito a partir dos lugares da minha infância.»⁶.

Não surpreende assim que, nestes contos, seja possível redescobrir referências ao Natal, à viagem ou a certos espaços quase mágicos, como o mar, a praia, a casa, o jardim e a floresta, que marcam também presença na lírica de Sophia e nas suas narrativas «para adultos»: *Contos Exemplares* (1962) e *Histórias da Terra e do Mar* (1984). No seu conjunto trata-se, de facto, de uma produção de grande unidade temática e estilística.

A maioria dos contos para crianças mostram o conhecimento da literatura de fantasia nórdica e anglo-saxónica, registando-se evidentes relações com grandes clássicos da literatura universal: os contos de fadas e as *Mil e Uma Noites*, Homero, Ovídio, Camões, Boccaccio, Shakespeare, Collodi e Andersen, entre outros.



Sophia e Francisco na Grécia, em 1972.

⁶ Soares, Luísa Ducla (org.) (1986). *A Antologia Diferente: De que São Feitos os Sonhos*. Porto: Areal, p. 19.

Tanto *O Rapaz de Bronze*⁷ (1956), *A Fada Oriana*⁸ (1958), *A Menina do Mar*⁹ (1958) e *A Noite de Natal*¹⁰ (1960) como *O Cavaleiro da Dinamarca*¹¹ (1964), *A Floresta* (1968), *O Anjo de Timor* (2004) e os recontos que é possível ler em *A Árvore* (1985) e «A cebola da velha avarenta» (1986), a par da curta peça teatral *O Bojador* (1961), representam, na sua maioria, momentos altos da história da literatura portuguesa para crianças. Sem se assumirem declaradamente como obras moralistas, não restam dúvidas de que a sua inteligente urdidura aponta para um dever ser, em que surgem valorizados a Natureza, a harmonia, o equilíbrio e a justiça. À condenação do egocentrismo e do artificialismo, da hipocrisia e da perversão originada pelo apego aos bens materiais, opõem-se a

⁷ Sob a forma de uma quase-fábula poética protagonizada pelas flores de um jardim e por uma estátua viva –que nos traz à memória alguns contos de Hans Christian Andersen– *O Rapaz de Bronze*, por seu turno, antecipa a visão crítica de uma organização social hierarquizada e injusta que mais tarde reencontramos nos livros «para adultos» *Contos Exemplares* e *Histórias da Terra e do Mar*.

⁸ Em *A Fada Oriana*, a protagonista é vítima do seu próprio narcisismo e, após um percurso probatório, readquire a condição de fada. «Confia nas crianças, nos sábios e nos artistas» – recomenda o Rei dos Anões ao anão de *A Floresta*, uma parábola sobre a corrupção espiritual e os malefícios associados ao ouro e à riqueza, compreendidos por Isabel (a criança), por Cláudio (o músico) e pelo próprio anão.

⁹ *A Menina do Mar* é na aparência talvez a mais simples, mas uma das mais belas narrativas de Sophia, onde os tópicos recorrentes na sua obra ganham novos matizes e os seus lugares de eleição (o mar, a casa nas dunas, o jardim de areia) adquirem dimensões simbólicas peculiares –resultado, afinal, de uma maravilhosa reelaboração de densas memórias de infância, ligadas à Praia da Granja. Sem enveredar pela dimensão trágica das «Ondinas» de Andersen e de Jean Giraudoux ou de *L'Enfant de la Haute Mer*, de Jules Supervielle, mas oferecendo-nos algumas descrições poéticas da natureza marinha que evocam as do grande romântico dinamarquês, a obra narra a história de uma amizade construída contra «um tempo dividido», entre um rapaz, uma menina do mar (que lembra a Polegarzinha de Andersen) e os seus amigos: um polvo, um caranguejo e um peixe. Depois de aventuras e desventuras várias, por onde se insinuam a revelação mágica do mundo, a paixão pelo oceano e uma angustiada espera de ressonância sebastianista, surge a festa, num palácio subaquático. Partindo da tradição simbólica associada ao mar e aos seus elementos, Sophia constrói uma narrativa de implicações psicanalíticas (como a fantasia do regresso ao útero materno). Uma narrativa que é simultaneamente a afirmação do direito à liberdade afectiva e a expressão de um anseio de equilíbrio e harmonia, no quadro de uma fantasia de retorno às fontes da vida –essa dimensão em que o ser não possui ainda a consciência do tempo e da morte.

¹⁰ *A Noite de Natal* oferece-nos uma imagem renovada do maravilhoso cristão (e do ideal que o inspira), plena de significado social e individual. Várias das personagens infantis de Sophia apresentam-se-nos, é certo, como crianças sem dificuldades materiais. Mas, além da solidão e da orfandade afectiva que por vezes os caracteriza, e que são também atributos da protagonista de *A Noite de Natal*, surge neste conto a orfandade social de Manuel, como uma reencarnação de Cristo, que no final vem dar sentido aos valores da amizade, da partilha e da busca de uma união entre o humano e o sagrado.

¹¹ Obra de síntese, afirmando a vitória da inteireza moral e da abnegação sobre a vertigem e as forças da perversão, mais longa e complexa que os restantes livros, a narrativa *O Cavaleiro da Dinamarca* ilustra a grande viagem iniciática e probatória que –colocando o protagonista ante uma sucessão de figuras humanas, eventos e lugares míticos– tudo revela a esse cavaleiro impoluto: o perigo e as tentações, o valor da família, os exemplos de heroísmo, a paixão e a arte. Para não falar da tensão entre uma visão teocêntrica e um novo olhar antropocêntrico que emerge do Renascimento. Pelo meio, é possível visitar a Dinamarca, a Terra Santa, a Itália do norte e a Flandres. Sente-se o fascínio pelo esplendor humanista (a acção desenrola-se no século XV) e pela grande aventura dos descobridores portugueses, no que é apresentado como «um tempo novo» para a Europa e o mundo, sem contudo se ignorarem as tensões decorrentes do (des)encontro de culturas e até de etnias. Tudo plasmado num encadeamento de narrativas modelizadoras encaixadas na história principal: a história de Vanina (quase uma versão de «Romeu e Julieta», de final não deceptivo), as vidas de Giotto, de Dante, e as aventuras de um marinheiro flamengo e de um português, Pero Dias. Deste modo, a obra representa também uma apaixonada homenagem, quase sempre implícita, às narrativas da grande tradição cultural do Ocidente: a *Bíblia*, a *Divina Comédia*, o *Decameron*, os livros de viagens, as crónicas navais...

amizade, o amor, a paz e a generosidade, bem como a exaltação do humanismo cristão, do valor social e ético da obra de arte e da fidelidade a princípios antigos e universais.

É de recordar ainda que, além das narrativas originais que escreveu, das histórias tradicionais portuguesas e japonesas que recontou e da já citada peça *O Bojador* (1961), Sophia de Mello Breyner Andresen organizou duas belíssimas antologias de poesia em Língua Portuguesa destinadas à infância e à juventude: *Poesia Sempre* e *Primeiro Livro de Poesia*¹².

Literatura infantil 1-2-3-4-5-6

Os livros seriam também uma fonte de rendimento importante, já que havia pouco dinheiro em casa. Francisco Sousa Tavares era um contestatário e reconhecido antifascista. Esteve preso três vezes: a primeira, por ter cuspidido em público num retrato de Salazar; a segunda, por causa de um manifesto contra o regime que redigiu e foi assinado por toda a oposição; a terceira, na sequência do caso Ballet Rose -um escândalo revelado em 1967, que implicava homens da alta sociedade em orgias com menores e prostitutas. Mário Soares, Francisco Sousa Tavares e Urbano Tavares Rodrigues foram acusados de passar a informação a jornalistas estrangeiros.

Texto 21

***O rapaz de bronze* (descrição da casa familiar do Porto)**

- A noite é fantástica e diferente!
- A noite – disse o Rapaz de Bronze –
é o dia das coisas. É o dia das flores,

das plantas e das estátuas. De dia somos imóveis e estamos presos. Mas de noite somos livres e dançamos.

Sophia de MELLO (1956) *O rapaz de bronze*

Texto 22

***A floresta* (descrição da casa familiar do Porto)**

Era uma vez uma quinta toda cercada de muros.

Tinha arvoredos maravilhosos e antigos, lagos, fontes, jardins, pomares, bosques, campos e um grande parque seguido por um pinhal que avançava quase até ao mar. (...)

Era nessa casa que morava Isabel. Um dia resolveu fazer ali uma casa pequenina e imaginar que os anões viram morar nela e imagina que aconteceu uma coisa fantástica. Isabel **não se cansava de olhar**. E pensava:

– Que coisa tão extraordinária! Fiz uma casa para um anão que **não** existia e o anão apareceu!

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1968) *A floresta*

Texto 23

***A menina do mar* (descrição do mar da casa da Granja)
A menina do mar por Sophia de Mello**

A menina do mar

Era uma vez uma casa branca nas dunas, voltada para o mar. (...) Nessa casa morava um rapazito que passava os dias

¹² António Luís Catarino (2006) «Sophia de Mello Breyner Andresen e a sua obra para crianças e jovens, por José António Gomes» in <https://derivadaspalavras.blogspot.com/2006/12/sophia-de-mello-breyner-andresen-e-sua.html>

a brincar na praia. Um dia ele encontrou uma (...) menina muito pequenina, que devia medir um palmo de altura,

Tu nunca foste ao fundo do mar e não sabes como lá tudo é bonito. Há florestas de algas, jardins de anêmonas, prados de conchas. Há cavalos marinhos suspensos água com um ar espantado, como pontos de interrogação. Há flores que parecem animais e animais que parecem flores. Há grutas misteriosas, azuis-escuras, roxas, verdes e há planícies sem fim de areia branca, lisa. Tu és da terra e se fosses ao fundo do mar morrias afogado. Mas eu sou uma menina do mar.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1958) *A Menina do Mar*

Texto 24

Iremos juntos sozinhos pela areia
Embalados no dia
Colhendo as algas roxas e os corais
Que na praia deixou a maré cheia.
As palavras que disseres e que eu disser
Serão somente as palavras que há nas coisas
Virás comigo desumanamente
Como vêm as ondas com o vento.
O belo dia liso como um linho
Interminável será sem um defeito
Cheio de imagens e conhecimento.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1954) *No Tempo Dividido*

Texto 25

Assim o amor

Assim o amor
Espantando meu olhar com teus cabelos
Espantando meu olhar com teus cavalos
E grandes praias fluidas avenidas
Tardes que oscilavam demoradas
E um confuso rumor de obscuras vidas
E o tempo sentado no limiar dos campos
Com seu fuso sua faca e seus romances
Em vão busquei eterna luz precisa

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1967) *Geografia*

Texto 26

Soneto à maneira de Camões

Esperança e desespero de alimento
Me servem neste dia em que te espero
E já não sei se quero ou se não quero
Tão longe de razões é meu tormento.

Mas como usar amor de entendimento?
Daquilo que te peço desespero
Ainda que mo dês - pois o que eu quero
Ninguém o dá senão por um momento.

*Soneto à maneira de
Camões*

Mas como és belo, amor, de não durares,
De ser tão breve e fundo o teu engano,
E de eu te possuir sem tu te dares.

Amor perfeito dado a um ser humano:
Também morre o florir de mil pomares
E se quebram as ondas no oceano.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1950) *Coral*

Texto 27

As Casas

Há sempre um deus fantástico nas casas
Em que eu vivo, e em volta dos meus passos
Eu sinto os grandes anjos cujas asas
Contêm todo o vento dos espaços.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1947) *Dia do Mar*

Texto 28

A Sophia vive nesta casa há muito tempo...

Há muito. E gosto muito dela. Quando aqui entrei cantei o «Magnificat». É uma casa muito bonita que eu embelezei. Tem um jardim que era uma lixeira, quando aqui cheguei. Foi o Gonçalo Ribeiro Teles que fez o desenho. É um jardim que eu rego e trato.

Há esses dois lados, ou dois espaços, um virado para a travessa das Mónicas, onde havia uma prisão, outro virado para o rio. Tenho um conto chamado «Silêncio», onde isso aparece. Agora deixou de haver a prisão, a fachada do prédio foi pintada e a rua está mais limpa.

Entrevista a José Carlos de Vasconcelos

Texto 29

Varandas

É na varanda que os poemas emergem
Quando se azula o rio e brilha
O verde-escuro do cipreste – quando
Sobre as águas se recorta a branca escultura
Quasi oriental quasi marinha
Da torre aérea e branca
E a manhã toda aberta
Se torna irisada e divina
E sobre a página do caderno o poema se alinha
Noutra varanda assim num Setembro de outrora
Que em mil estátuas e roxo azul se prolongava
Amei a vida como coisa sagrada
E a juventude me foi eternidade

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1997) *O Búzio de Cós e outros poemas*

Em casa de Sophia havia sempre convidados. Ali tudo se discutia. Vivia-se a liberdade antes dela existir. Por lá passavam as mais variadas personalidades: Jorge de Sena, Luís de Sttau Monteiro e José Saramago. Havia nas paredes uma coleção de pintura única, com quadros de Vieira da Silva, Almada Negreiros e Arpad Szenes. Nos serões, Sophia recitava poemas e Francisco discursava sobre política.

«Quando os amigos poetas iam lá a casa, o Ruy Belo por exemplo, recitavam poesia. Tinha graça aquilo, parecia que se juntara um circo. Cada um mostrava a sua arte e havia sessões com pintores ao desafio. Houve um, o João Vasconcelos, que como já não tinha mais papel pintou a tampa de madeira do quadro da eletricidade.»

Miguel SOUSA TAVARES (2018) *Cebola Crua com Sal e Broa*.

Era uma casa imensa e bipolar, frente à cadeia das Mónicas, com um jardim de 200m², de onde se avistavam o Castelo de São Jorge e o rio Tejo. Além de receber, Sophia gostava de escrever numa mesa estrategicamente colocada diante de uma janela da qual podia ver o castelo e o bairro onde fazia as compras nas mercearias do Largo da Graça.



Salazar começa a ouvir falar de Francisco Sousa Tavares, quando a sua militância no movimento monárquico se torna mais ativa. Em 1958, a seguir à derrota eleitoral de Humberto Delgado, Francisco foi expulso da Função Pública por ser apoiante do general. Como havia pouco dinheiro, as filhas mais velhas, Maria e Isabel, foram viver com a avó materna e Miguel com os tios, em Amarante. Sophia ficou apenas com os dois mais novos, Sofia e Xavier. O dia em que Miguel soube que teria de sair de casa foi, de alguma forma, traumatizante. Coincidiu com o seu 6º aniversário - nasceu a 25 de junho de 1951. Depois de uma pequena celebração em casa -com a mãe, as irmãs e a «Luísa Gorda», a empregada

que trabalhou para eles 40 anos-, e de se cantar os parabéns com um bolo de laranja, a mãe disse-lhe que teria de ir para a quinta do tio. Era a primeira vez que deixava os pais. «Desatei a chorar, como muitas vezes depois choraria outras separações», conta no livro *Cebola Crua com Sal e Broa*. Foi durante o tempo na Quinta do Carvalho do Tio Manuel que ganharia a alcunha de Miguel Carapau. Nunca tinha visto uma piscina e acredita que foi ali que ganhou a paixão pela água. Uma característica herdada da mãe -Sophia adorava o mar.

A par das dificuldades financeiras, a infância dos meninos ficou marcada pelos constantes sobressaltos motivados pela atividade política do pai.

«Acordar às 7h da manhã com dois pides a tocar à campainha para vir prender o meu pai, quando estávamos a sair para a escola (...), aprender com a minha mãe o segredo das gavetas falsas dos armários onde se guardavam os 'papéis políticos' ou a chave secreta das cartas com que ela se correspondia com o meu pai na prisão.»

Miguel SOUSA TAVARES (2018) *Cebola Crua com Sal e Broa*.

O filho mais novo, Francisco Xavier, acabou por ter um percurso diferente. Num jogo de futebol com Miguel e outros amigos -entre eles, Francisco Ribeiro Telles, que viria a casar-se com a sua irmã Sofia- sofreu um traumatismo craniano, que o deixou entre a vida e a morte. Tinha apenas 15 anos. Recuperou, mas ficou paralisado do lado esquerdo. A vida da família nunca mais foi a mesma. Este terá sido o maior drama da existência de Sophia, que ficou destroçada e escreveu ao amigo Jorge de Sena: «A doença do meu Xavier rói-me até ao fundo. O amor por um filho doente é um amor louco.»

O problema do filho terá contribuído para o desgaste do casamento de Sophia e Francisco, que se separaram em 1986 -também por causa das infidelidades dele e da sua atração pelo jogo (o bridge). O advogado voltaria a casar-se com Amélia Brugnini, uma uruguaia filha de um diplomata, 19 anos mais nova, e que era secretária no seu escritório de advogados. Nenhum dos filhos foi ao casamento.

Texto 30

Para atravessar contigo o deserto do Mundo

Para atravessar contigo o deserto do mundo
Para enfrentarmos juntos o terror da morte
Para ver a verdade para perder o medo
Ao lado dos teus passos caminhei

Por ti deixei meu reino meu segredo
Minha rápida noite meu silêncio
Minha pérola redonda e seu oriente
Meu espelho minha vida minha imagem
E abandonei os jardins do paraíso

Cá fora à luz sem véu do dia duro
Sem os espelhos vi que estava nua
E ao descampado se chamava tempo

Por isso com teus gestos me vestiste
E aprendi a viver em pleno vento.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1962) *Livro Sexto*

Para atravessar contigo o deserto do Mundo por Ikaro Kadoshi
@ikarokadoshi - artista, Drag Queen, Apresentador, Jornalista

Texto 31

Porque

Porque os outros se mascaram mas tu não
Porque os outros usam a virtude
Para comprar o que não tem perdão.
Porque os outros têm medo mas tu não.

Porque os outros são os túmulos caídos
Onde germina calada a podridão.
Porque os outros se calam mas tu não.

Porque os outros se compram e se vendem
E os seus gestos dão sempre dividendo.
Porque os outros são hábeis mas tu não.
Porque os outros vão à sombra dos abrigos
E tu vais de mãos dadas com os perigos.
Porque os outros calculam mas tu não.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1958) *Mar novo*

Porque por Filipa Leal, poeta
Porque por Francisco Fanhais

Texto 32

Os ciganos

Era uma vez uma casa muito arrumada onde morava um rapaz muito desarrumado.
E o rapaz tinha a impressão de que não era feito para morar naquela casa.

Ali os relógios estavam sempre certos mas ele andava sempre atrasado.

Ele esquecia-se da bola na sala e dos livros no jardim. Ele deixava a caneta na cozinha, os sapatos no corredor, o relógio no lavatório. Porque jogava à bola na sala, lia no jardim, escrevia em toda a parte, despiu-se no corredor e só se lembrava de tirar o relógio quando já estava dentro do banho.

Por isso todos ralhavam com ele e ele pensava:

Os ciganos por Pedro Lamares, ator

– Esta casa é um tribunal. (...)

Era raro o dia em que ele não entornava ou um copo na mesa, ou um tinteiro nos cadernos, ou uma jarra no tapete, ou um cinzeiro em cima das visitas.

Parecia-lhe que tinha braços e pernas a mais pois quando entrava numa sala tropeçava num tapete, pisava as senhoras e dava sempre uma canelada em alguém. Tinha que passar a vida a pedir desculpa.

E à noite abria a janela do seu quarto, respirava o vento que vinha de longe, olhava as estrelas e pensava na liberdade.

Já não era um rapaz pequeno mas ainda não era um rapaz crescido. (...)

E enquanto Ruy era pequeno o jardim parecia-lhe enorme com as suas tílias profundas, as suas magnólias de folhas brilhantes e as suas palmeiras despenteadas. Mas com o tempo o jardim foi diminuindo. (...)

E tudo isto parecia irremediável.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN e Pedro SOUSA TAVARES (2012) *Os ciganos*¹³

Texto 33

Goa

Bela, jovem, toda branca

A vaca tinha longos finos cornos

Afastados como as hastes da cítara

E pintados

Um de azul outro de veemente cor-de-rosa

E um deus adolescente atento e grave a guiava

Passavam os dois junto aos altos coqueiros

E ante a igreja barroca também ela toda branca

E em seu passar luziam

Os múltiplos e austeros sinais da alegria

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1997) *O Búzio de Cós e outros poemas*

Texto 34

O silêncio

(...)E ela habitava essa unidade, estava presente e viva na relação das coisas e a própria realidade atenta a abrigava em sua imensa e aguda presença.

No ar, na cal, no vidro, tocava a sua felicidade e essa felicidade era no seu centro unidade.

Debruçou-se na janela e apoiou os braços na pedra fresca do parapeito.

Uma leve brisa agitou os ramos dos cedros. No rio, rouca, apitou uma sereia. Na torre o sino bateu duas badaladas. Foi então que se ouviu o grito.

Um longo grito agudo, desmedido. Um grito que atravessava as paredes, as portas, a sala, os ramos do cedro.

Joana virou-se na janela. Houve uma pausa. Um pequeno momento imóvel, suspenso, hesitante. Mas logo novos gritos se ergueram, trespassando a noite. Estavam a gritar na rua, do outro lado da casa. Era uma voz de mulher. Uma voz nua, desgarrada, solitária. Uma voz que de grito em grito se ia desformando, desfigurando até ficar transformada em uivo. Uivo rouco e cego. Depois a voz enfraqueceu, baixou, tomou um ritmo de soluço, um tom de lamentação. Mas logo voltou a crescer, com fúria, raiva, desespero, violência.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1984) *Histórias da Terra e do Mar*

Goa por Sophia de Mello

A realidade do relato
Relato

¹³ *Os ciganos* é um conto de Sophia que permaneceu inacabado e inédito até 2009 em que o neto, Pedro Sousa Tavares, aceitou terminar o conto à sua maneira.

Ponto 6 — A Mourisca - Travessa das Mónicas, nº 28

Ao fundo da rua, num prédio de azulejos azuis e motivos discretos, o restaurante **A Mourisca** era o destino frequente. Tanto podia deslocar-se ao restaurante como pedir para as criadas virem buscar a comida feita. Peixe ou carne grelhada, mas sobretudo peixe, com legumes cozidos e batatinha. Sempre ligeira e despachada, punha os empregados de mesa nervosos com as cismas de higiene que já arrepiavam à sua chegada. Os mais pacientes aceitavam os reparos sobre a necessidade de evitar mexer no que quer que fosse com as mãos. O medo



de doenças e germes impunha o uso de uma pinça, que a poeta trazia sempre consigo, como garantia de que não tocava em nada sem uma proteção antimicrobiana.

Texto 35

A pequena praça

A minha vida tinha tomado a forma da pequena praça
 Naquele outono em que a tua morte se organizava meticulosamente
 Eu agarrava-me à praça porque tu amavas
 A humanidade humilde e nostálgica das pequenas lojas
 Onde os caixeiros dobram e desdobram fitos e fazendas
 Eu procurava tornar-me tu porque tu ias morrer
 E a vida toda deixava ali de ser a minha
 Eu procurava sorrir como tu sorrias
 Ao vendedor de jornais ao vendedor de tabaco
 E à mulher sem pernas que vendia violetas
 Eu pedia à mulher sem pernas que rezasse por ti
 Eu acendia velas em todos os altares
 Das igrejas que ficam no canto desta praça
 Pois mal abri os olhos e vi foi para ler
 A vocação do eterno escrita no teu rosto
 Eu convocava as ruas os lugares as gentes
 Que foram as testemunhas do teu rosto
 Para que eles te chamassem para que eles desfizessem
 O tecido que a morte entrelaçava em ti

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1972) *Dual*

Ponto 7 – Costa do Castelo

Mário Sares esteve com Sophia em 1980 para assistir a uma reunião do Conselho da Europa e encomenda a Graça Morais (Maria da Graça Pinto de Almeida Morais): «Puseram-nos no mesmo automóvel e pediram-me que ficasse com a Sophia para garantir que ela chegava a horas às cerimónias. Foi muito divertido porque pensavam que eu ia fazê-la ser pontual e conseguiram que chegássemos sempre as duas atrasadas. Ela não queria ir às visitas oficiais, preferia mostrar-me os museus. Devo a Mário Soares a grande amizade que criei com Sophia quando visitou a Grécia e me convidou para ir».

- *Vídeo de Maria da Graça lembrando as primeira viaxe con Sophia a Grécia.*
- *Vídeo de Sophia falando da Grécia.*
- *Vídeo de Sophia falando de Homero.*

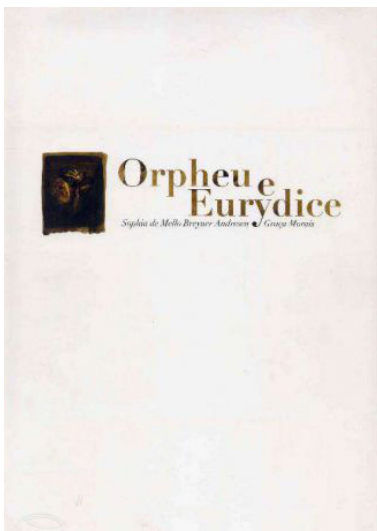
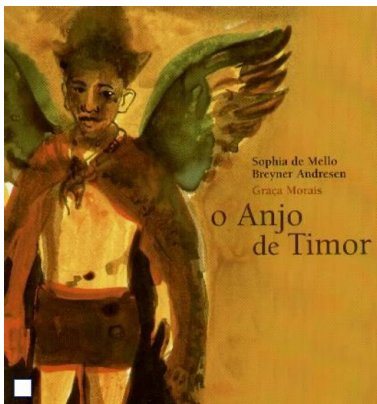
Daí em diante, de regresso a Lisboa, a poeta e a pintora passam a trocar tardes de chá entre vizinhas, já que o ateliê na Costa do Castelo ficava perto da casa de Sophia, na Graça. Não tardará até que planeiem livros

em conjunto, como *O Anjo de Timor* e *Orpheu e Eurídice*. Numa das vezes em que Sophia rumou a pé de sua casa até

o ateliê de Graça Morais, ficou de tal forma fascinada com os esboços da pintora retratando Orpheu a tocar uma lira, que a desfia para um novo projeto. Nasce assim a ideia do livro *Orpheu e Eurídice*, 17 desenho, 17 poemas, que casam as palavras de Sophia com o traço de Graça.



Sophia e Graça, Grécia, 1988 ©
arquivo pessoal de Graça Morais



Texto 36

Tudo aconteceu em 22 de Abril de 1990. Os desenhos que aqui se apresentam foram os primeiros que pintei no ateliê da Costa do Castelo, usando o papel de música em que o Pedro [Caldeira Cabral] trabalha. (...)

Um dia, mostrei-os à Sophia. Disse-me logo tê-los achado lindíssimos. E propôs-me fazermos um livro com os desenhos e poemas. (...)

Sophia considerou, desde o início, os poemas inspiradores e eu fiquei naturalmente entusiasmada com a ideia. E essa foi a melhor oportunidade para reforçar a nossa amizade. Passamos vários serões, em noites sucessivas, a escolher os poemas e a ligá-los aos desenhos. Sophia aproveitou muitos poemas que já tinha e escreveu outros especialmente, mas nunca estava satisfeita com o resultado, por isso reviu e alterou-os incansavelmente, decerto embalada pela inspiração de Orpheu e Eurydice. (...) A poesia e a música, que eram tudo para Sophia, estão aqui

bem presentes – e eu devo ao Pedro o ter-me feito descobrir esse mundo dos sons e dos instrumentos, que procurei transpor para os desenhos, simbolicamente feitos em pauta musical. E foi essa familiaridade com a música e a poesia que reforçou a devoção, não é de mais repetir, que tenho por Sophia. Orpheu e Eurydice acompanharam-nos neste nosso encontro inesquecível que se transformou numa grande amizade...¹⁴

Graça MORAIS

Texto 37

Sobre um Desenho de Graça Morais

Nítido e leve ramo de oliveira:
Rijeza firme do tronco
As pálidas folhas como ponta de lança
E o pequeno fruto negro
Compacto e brilhante

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1994) *Musa*

Texto 38



Graça Morais (Maria da Graça Pinto de Almeida Morais) nasceu no dia 17 de Março de 1948 em Vieiro, Trás-os-Montes

Soneto de Eurydice

Eurydice perdida que no cheiro
E nas vozes do mar procura Orpheu
Ausência que povoa terra e céu
E cobre de silêncio o mundo inteiro.

Assim bebi manhãs de nevoeiro
E deixei de estar viva e de ser eu
Em procura de um rosto que era o meu
O meu rosto secreto e verdadeiro.
Porém nem nas marés, nem na miragem
Eu te encontrei.

Erguia-se somente
O rosto liso e puro da paisagem.
E devagar tornei-me transparente
Como morte nascida à tua imagem
E no mundo perdida esterilmente.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1954) *No Tempo Dividido*

*Soneto de
Eurydice* por
Roberto Malet

¹⁴ No catálogo *Orpheu e Eurydice*, Sophia de Mello Breyner Andresen / Graça Morais, excerto de texto de Graça Morais «História de uma devoção», Ed. Centro Nacional de Cultura, Maio 2006.

Ponto 8 — Luís de Camões - Calçada de Santana, nº 139

O edifício demasiado recente para ser contemporâneo de Camões, exhibe uma placa datada de 1867 com a indicação que ali viveu e morreu o poeta em 1580. Será possivelmente a memória de uma tradição oral que o proprietário do imóvel teve a ousadia de passar a pedra.

Chegados ao cimo da Calçada seguimos para a Rua do Instituto Bacteriológico. E logo, à nossa esquerda ergue-se um edifício do Instituto que dá o nome à rua. Este era o lugar do antigo Convento de Sant'Ana, local onde o poeta terá sido sepultado e ao que tudo indica em vala comum. Essa e outras informações menos claras são dadas por uma placa aqui colocada pela Câmara Municipal de Lisboa em 1935.

No início dos anos 70 dedicará belíssimos poemas a «Che Guevara» e a «Catarina Eufémia» («comparando a camponesa alentejana a Antígona na sua busca da justiça»).

No extraordinário poema «Camões e a Tença» estabelece um doloroso paralelo entre o Portugal do século XVI, que não reconheceu o seu maior poeta, e o país contemporâneo:



Texto 39

Camões e a tença

Irás ao Paço. Irás pedir que a tença
Seja paga na data combinada
Este país te mata lentamente
País que tu chamaste e não responde
País que tu nomeias e não nasce

Em tua perdição se conjuraram
Calúnias desamor inveja ardente
E sempre os inimigos sobejaram
A quem ousou seu ser inteiramente

E aqueles que invocaste não te viram
Porque estavam curvados e dobrados
Pela paciência cuja mão de cinza
Tinha apagado os olhos no seu rosto

Irás ao Paço irás pacientemente
Pois não te pedem canto mas paciência

Este país te mata lentamente

Camões e a tença por
Irene Cruz

Camões e a tença por
José Mário Branco no



Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1972) *Dual*

Em 1980, Sophia escreveu, a propósito d'*Os Lusíadas*: «*Os Lusíadas*, poema do descobrimento, poema da possibilidade humana, são a antítese do ensombramento.» Este texto foi escrito para o Ciclo de Colóquios Camonianos na Universidade de Coimbra.

Texto 40

Gruta de Camões

Dentro de mim sobe a imagem dessa gruta
Cujo silêncio ainda escuta
Os teus gestos e os teus passos.
Aí, diante do mar como tu transbordante
De confissão e segredo,
Choraste a face pura
Das brancas amadas
Mortas tão cedo.

Gruta de Camões
Camões por Paula G.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1947) *Dia do mar*

Texto 41

Soneto à maneira de Camões

Esperança e desespero de alimento
Me servem neste dia em que te espero
E já não sei se quero ou se não quero
Tão longe de razões é o meu tormento.

Mas como usar amor de entendimento?
Daquilo que te peço desespero
Ainda que mo dês – pois o que eu quero
Ninguém o dá senão por um momento

Mas como és belo, amor, de não durares,
De ser tão breve e fundo o teu engano,
E de eu te possuir sem tu te dares.
Amor perfeito dado a um ser humano:
Também morre o florir de mil pomares
E se quebram as ondas no oceano.

Soneto à maneira de
Camões por Kaio
Carvalho Carmona,
Professor
na Universidade
Agostinho Neto e no
Centro Cultural do Brasil
em Angola

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1950) *Coral*

Ponto 9 — Luís de Camões - Portas de Santo Antão

Este era o lugar da antiga **Cadeia Municipal do Tronco** e aqui encontramos um memorial a **Luís de Camões** assinado por Leonel Moura e promovido pela Câmara Municipal de Lisboa em 1992. Diz-nos a história que, com 28 anos de idade, em 15 de Junho de 1552 dia do Corpo de Deus, Luís de Camões passeava entre o Rossio e as Portas de Santo Antão. Tinha regressado um ano antes de Ceuta, onde num combate com os Mouros perdera uma vista. Em dado momento repara numa briga e reconhece que nela estavam dois amigos seus; não hesitou em envolver-se na desordem, ferindo com um golpe de espada na nuca um criado do Paço, de nome Gonçalo Borges. Camões foi preso e levado para a Cadeia, onde permanece largos meses (apesar de perdoado) foi libertado em **24 de Março de 1553**.



Em **1977**, Sophia foi convidada a participar nas comemorações do Dia de Camões em Macau. Sobrevoando o Oriente, pensou nos homens que ali chegaram 500 anos antes, sem saberem o que sabemos hoje. A viagem a Macau vai despoletar uma reflexão sobre o que teria sido para os navegadores portugueses, o contacto com o admirável mundo novo: a revelação daquelas cores, daqueles cheiros, daqueles sons, o espanto e o deslumbramento perante uma realidade tão distante e fascinante. Lisboa surge, assim, como o ponto de partida simbólico dos Descobrimentos, o lugar conhecido que se deixava a troco da incerteza do novo mundo. Lisboa era um grande caminho para o mar. Desta passagem resultou **Navegações**. Editado em 1983, o livro compreende 25 poemas, agrupados em três capítulos: "Lisboa", "As Ilhas" e "Deriva".

Texto 42

Escrevi As Navegações

Na longa viagem, à ida, de madrugada, quando as cortinas ainda estavam corridas, e a cabine estava ainda na penumbra, ouvi o microfone dizer a meia voz:

— Estamos a sobrevoar a costa do Vietname.

Corri uma cortina e vi um ar fulgurantemente azul e lá em baixo um mar ainda mais azul. E, perto de uma longa costa verde, vi no mar três ilhas de coral azul-escuro, cercadas por lagunas de uma transparência azulada.

Pensei naqueles que ali chegaram sem aviso prévio, sem mapas, ou relatos, ou desenhos ou fotografias que os prevenissem do que iam ver.

Escrevi os primeiros poemas simultaneamente a partir da minha imaginação, desse primeiro olhar, e a partir do meu próprio maravilhamento. As portas da Ásia abriram-se naquele preciso azul de que fala Dante no Purgatório:

«Dolce color d'oriental zaffiro».

Mas estavam neste mundo.

Como já disse na revista Prelo, há nas Navegações um intrincado jogo de invocações e ecos mais ou menos explícitos. E também através dos poemas navega a frase em que algures Maria Velho da Costa se refere aos «visionários do visível».

À medida que os poemas iam surgindo ia-se decidindo em mim a vontade de os editar ao lado dos mapas da época, os mapas onde ainda é visível o espanto do olhar inicial, o deslumbramento perante a diferença, perante a multiplicidade do real, a veemência do real mais belo que o imaginado, o maravilhamento perante os coqueiros, os elefantes, as ilhas, os telhados arqueados dos pagodes. E também a revelação de um outro rosto do humano e do sagrado.

Levei algum tempo a encontrar o editor que entendesse o meu desejo. Finalmente recorri à Imprensa Nacional, à qual estou em extremo grata por ter feito a edição que eu sonhei e quis.

Para mim o tema das Navegações não é apenas o feito, a gesta, mas fundamentalmente o olhar, aquilo a que os gregos chamavam aletheia, a desocultação, o descobrimento. Aquele olhar que às vezes está pintado à proa dos barcos.

(Discurso proferido na entrega do Prémio do Centro Português da Associação de Críticos Literários, em 1984.)

Texto 43

A única vez que uma viagem de avião me deu a sensação de navegação foi quando fui a Macau (...) No avião uma pessoa é empacotada de um lado para o outro. Mas nessa viagem muito comprida, eu lembro-me de, depois de passarmos por cima do deserto e vermos aqueles poços de petróleo a arder, descermos na Arábia com imenso calor, – especialmente para mim, que vinha de Londres –de repente ter a sensação de ‘navegação’ (...) E escrevi *Navegações* por causa disso e um pouco porque, quando eu ia no avião e de madrugada ouvi aquelas vozes celestiais que há nos aviões dizerem: ‘Estamos a sobrevoar a costa do Vietname’. E eu fui para o andar de cima (o avião tinha dois andares), espreguei e estava uma madrugada radiosa: Era a entrada na Ásia!¹⁵

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN

Texto 44

As Ilhas - I - Navegámos para Oriente

Navegámos para Oriente —

A longa costa

Era de um verde espesso e sonolento

Um verde imóvel sob o nenhum vento

Até à branca praia cor de rosas

Tocada pelas águas transparentes

Então surgiram as ilhas luminosas

*Navegámos para
Oriente* por Rosa Lobato
Faria, poeta

¹⁵ Em 1986, numa entrevista a Eduardo Prado Coelho para uma revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP), Sophia de Mello Breyner Andresen recordou a viagem que fez a Macau.

De um azul tão puro e tão violento
Que excedia o fulgor do firmamento
Navegado por garças milagrosas

E extinguiram-se em nós memória e tempo

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Texto 45

As Ilhas - II - Navegação Abstracta

Navegação abstracta
Fito como um peixe o voo segue a rota
Vista de cima tornou-se a terra um mapa

Navegação Abstracta
por José Luís Peixoto,
escritor

Porém subitamente
Atravessámos do Oriente a grande porta
De safiras azuis no mar luzente

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Texto 46

As Ilhas - III. À Luz do aparecer a Madrugada

À luz do aparecer a madrugada
Iluminava o côncavo de ausentes
Velas a demandar estas paragens

À Luz do Aparecer a Madrugada por Katia
Guerreiro, fadista

Aqui desceram as âncoras escuras
Daqueles que vieram procurando
O rosto real de todas as figuras
E ousaram — aventura a mais incrível —
Viver a inteireza do possível
1977

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Texto 47

As Ilhas - IV - Aqui viu o surgir em flor das ilhas

«Dolce color d'oriental zaffiro»
Dante, Purgatório, Canto I, terceto 5

Aqui viu o surgir em flor das ilhas por Fernanda
Freitas, apresentadora

Aqui viu o surgir em flor das ilhas
Quem vindo pelo mar desceu ao sul
E o cabo contornou para nascente
Orientando o cortar das negras quilhas

E sob as altas nuvens brancas liras
Os olhos viram verdadeiramente
O doce azul de Oriente e de safiras

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Texto 48

As Ilhas - V - Ali Vimos a Veemência do Visível

Ali vimos a veemência do visível
O aparecer total exposto inteiro
E aquilo que nem sequer ousáramos sonhar
Era o verdadeiro

1977

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

*Ali Vimos a Veemência
do Visível* por Fernanda
Freitas, apresentadora

Texto 49

As Ilhas - VI - Navegavam sem o mapa que

Navegavam sem o mapa que faziam
(Atrás deixando conluíus e conversas
Intrigas surdas de bordéis e paços)

Os homens sábios tinham concluído
Que só podia haver o já sabido:
Para a frente era só o inavegável
Sob o clamor de um sol inabitável

Indecifrada escrita de outros astros
No silêncio das zonas nebulosas
Trémula a bússola tacteava espaços

Depois surgiram as costas luminosas
Silêncios e palmares frescor ardente
E o brilho do visível frente a frente.

1979

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

*Navegavam sem o mapa
que faziam* por Rosa
Lobato Faria, poeta

Texto 50

Deriva - I - Deslizado silêncio sob alísios

Deslizado silêncio sob alísios
- As velas todas brandamente inchadas –
Brilho de escamas sobre os grandes mares
E a bombordo nas costas avistadas
Sob o clamor de extáticos luars
Um imóvel silêncio de palmares.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

*Deslizado silêncio sob
alísios* por José Jorge
Letria, escritor

Texto 51

Deriva - II - Era a rota do ouro

Era a rota do ouro
Porém nos grandes mares
Ou em praias baloiçadas por coqueiros
O espanto nos guiava –
Água escorria de todas as imagens

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Era a rota do ouro por
José Luís Peixoto,
escritor

Texto 52

Deriva - III - Nus se banharam em grandes praias lisas

Nus se banharam em grandes praias lisas
Outros se perderam no repentino azul dos temporais
1982

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Nus se banharam em grandes praias lisas por Teresa Rita Lopes, professora

Texto 53

Deriva - V - Dos homens nus e negros contarei

Dos homens nus e negros contarei
E de como não havendo já connosco
Quem de seu falar algo entendesse
Juntos dançámos pra nos entendermos
1982

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Dos homens nus e negros contarei por Katia Guerreiro, fadista

Texto 54

Deriva - VII - Outros dirão senhor as singraduras

Outros dirão senhor as singraduras
Eu vos direi a praia onde luzia
A primitiva manhã da criação

Eu vos direi a nudez recém-criada
A esquiva doçura a leve rapidez
De homens ainda cor de barro que julgaram
Sermos seus antigos deuses tutelares
Que regressavam
1982

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Outros dirão senhor as singraduras por Fernanda Freitas, apresentadora

Texto 55

Deriva - VIII - Vi as águas os cabos vi as ilhas

Vi as águas os cabos vi as ilhas
E o longo baloiçar dos coqueirais
Vi lagunas azuis como safiras
Rápidas aves furtivos animais
Vi prodígios espantos maravilhas
Vi homens nus bailando nos areais
E ouvi o fundo som das suas falas
Que nenhum de nós entendeu mais
Vi ferros e vi setas e vi lanças
Oiro também à flôr das ondas finas
E o diverso fulgor de outros metais
Vi pérolas e conchas e corais

Vi as águas os cabos vi as ilhas por João Fraga, fadista

Desertos fontes trémulas campinas
Vi o rosto de Eurydice das neblinas
Vi o frescor das coisas naturais
Só do Preste João não vi sinais
As ordens que levava não cumpri
E assim contando tudo quanto vi
Não sei se tudo errei ou descobri.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Texto 56

Deriva - X - Sombrios deuses

Sombrios deuses
Senhores do medo antigo
O sopro como estátuas suspendendo
Na movediça luz das lamparinas
1982

Sombrios deuses por
José Jorge Letria,
escritor

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Texto 57

Deriva - XIII - Canção rente ao nada

Canção rente ao nada
No silêncio quieto
Da noite parada

Canção rente ao nada
por Katia Guerreiro,
fadista

Como quem buscasse
Seu rosto e o errasse
1982

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Texto 58

Deriva - XVI - Há no rei de Chipre

Há no rei de Chipre
Um certo mistério
Não só o ser grego
Sendo tão assírio
Mas certo sossego
E certo recuo
Entre duas guerras —
Seu corpo de espiga
Coluna de tréguas
Mora em certa pausa
Que nunca encontrei
— Clareza das ilhas
Que tanto busquei
1982

Há no rei de Chipre por
José Jorge Letria,
escritor

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Texto 59

Deriva - XV - Inversa navegação

Inversa navegação
Tédio já sem Tejo
Cinzento hostil dos quartos
Ruas desoladas
Verso a verso
Lisboa anti-pátria da vida
1978

Inversa navegação por
José Luís Peixoto,
escritor

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Texto 60

Deriva - XVII - Estilo manuelino

Estilo manuelino:
Não a nave românica onde a regra
Da semente sobe da terra
Nem o fuste de espiga
Da coluna grega
Mas a flor dos encontros que a errância
Em sua deriva agrega
1982

Estilo manuelino por
Rosa Lobato Faria

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Texto 61

Goa

Bela, jovem, toda branca
A vaca tinha longos finos cornos
Afastados como as hastes da citara
E pintados
Um de azul outro de veemente cor-de-rosa
E um deus adolescente atento e grave a guiava
Passavam os dois junto aos altos coqueiros
E ante a igreja barroca também ela toda branca
E em seu passar luziam
Os múltiplos e austeros sinais da alegria.

Goa por Sophia de Mello

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1997) *O Búzio de Cós e outros poemas*

Tão grande dor

Tão grande dor para tão pequeno povo" palavras de um timorense à RTP.

Timor fragilíssimo e distante
Do povo e da guerrilha
Evanescente nas brumas da montanha

Tão grande dor

"Sândalo flor búfalo montanha
Cantos danças ritos
E a pureza dos gestos ancestrais"

Em frente ao pasmo atento das crianças
Assim contava o poeta Rui Cinatti
Sentado no chão
Naquela noite em que voltara da viagem

Timor
Dever que não foi cumprido e que por isso dói

Depois vieram notícias desgarradas
Raras e confusas
Violências mortes crueldade
E anos após ano
la crescendo sempre a atrocidade
E dia a dia --- espanto prodígio assombro ---
Cresceu a valentia
Do povo e da guerrilha
Evanescente nas brumas da montanha

Timor cercado por um bruto silêncio
Mais pesado e mais espesso do que o muro
De Berlim que foi sempre falado
Porque não era um muro mas um cerco
Que por segundo cerco era cercado

O cerco da surdez dos consumistas
Tão cheios de jornais e de notícias

Mas como se fosse o milagre pedido
Pelo rio da prece ao som das balas
As imagens do massacre foram salvas
As imagens romperam os cercos do silêncio
Irromperam nos écrans e os surdos viram
A evidência nua das imagens

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1983) *Navegações*

Ponto 10 – Revolta da Sé

A Revolta da Sé foi uma das tentativas de depor o regime de Salazar. Esteve programada para o dia 12 de março de 1959 só que, mais uma vez, a PIDE mostrou-se bastante eficiente ao ponto de fazer abortar o «movimento» antes mesmo de ele ter tempo de sair à rua.

Ficou conhecida como «Revolta da Sé» porque muitas das reuniões preparatórias tiveram lugar na Sé Catedral de Lisboa, e alguns dos revoltosos estavam ligados à Igreja Católica, sobretudo à Juventude Operária Católica.

Entre as várias dezenas de pessoas mais diretamente implicadas neste movimento revolucionário estavam militares, como o Capitão Vasco Gonçalves, ligado ao General Humberto Delgado, o Capitão Carlos Vilhena, o Major Pastor Fernandes e, entre outros, o Capitão Almeida Santos, oficial ligado a Craveiro Lopes.



Esta revolta esteve planeada para dezembro do ano anterior mas acabou por ser adiada. Entre os civis, merece destaque Manuel Serra (dirigente da Juventude Operária Católica), Asdrúbal Pereira, Horácio Queirós, Eurico Ferreira, Raul Marques, Jaime Conde, Amândio da Conceição Silva, que, dois anos mais tarde, também se envolveria no desvio do avião da TAP em 1961, e várias figuras ligadas à Igreja Católica, a começar pelo Pároco da freguesia da Sé de Lisboa, João Perestrelo de Vasconcelos.

É uma das primeiras vezes que, em Portugal, se envolvem, de uma forma muito direta, pessoas ligadas à Igreja Católica. Talvez isso justifique a seguinte passagem no livro *Portugal Amordaçado*, de Mário Soares, acerca desta tentativa revolucionária: «um movimento de clara inspiração católica, embora com a participação importante de elementos não católicos, democratas de diferentes correntes oposicionistas».

Esta intentona surgiu na sequência da conjuntura da derrota oficial de Humberto Delgado para a eleição presidencial de 1958. Embora a história pormenorizada desta tentativa revolucionária ainda não esteja concluída, já se sabe que a polícia política portuguesa, apesar da sua eficácia, nunca conseguiu descobrir todos os envolvidos. Alguns chegaram a fazer contactos com pessoas ministeriáveis para o novo governo que haveria de gerir o país nos primeiros tempos, logo após o triunfo revolucionário.

No Relatório da PIDE sobre esta tentativa revolucionária, os polícias concluíram que os revolucionários pretendiam «libertar o país do regime de força e ditadura pessoal a que se encontra sujeito, obrigando o governo a abandonar o poder, pela efetuação de um golpe militar». Mais –segundo a Pide– pensava-se colocar no poder uma Junta Militar Nacional cujos membros seriam afetos ao Movimento Militar Independente e os revolucionários já tinham técnicos preparados para assegurar, no caso de vitória, o

funcionamento das rádios, correios, telefones, centrais elétricas, transportes públicos e todos os meios de informação.

A investigação da PIDE apurou ainda que, desde o início do ano, os revolucionários haviam trabalhado num plano que dividia a cidade de Lisboa em quatro partes, em cada uma das quais atuaria um grupo operacional, constituído por cinco homens, sob as ordens de um oficial miliciano. A principal missão de cada um desses grupos era prender os membros do governo e outras autoridades, que, posteriormente, seriam entregues às autoridades militares revolucionárias, e após a vitória seria da responsabilidade desses mesmos grupos operacionais a manutenção da ordem.

Tudo ficou marcado para as 23 horas do dia 11 de março, e o movimento ainda se iniciou, mas, durante as primeiras movimentações, os dirigentes souberam que o Governo já estava informado da intentona (devido a fuga de informações) e abortaram, de imediato, a sua sequência.

Seguiram-se as prisões de militares e civis. Em 14 de janeiro de 1961, o Tribunal chegava ao veredicto final, que impôs penas não muito graves, uma vez que oscilaram entre os três e os vinte e dois meses de prisão, cumpridos nos estabelecimentos prisionais de Caxias, Aljube, Trafaria e Elvas¹⁶. Desta última prisão acabam por evadir-se o capitão Almeida Santos e o médico miliciano Jean-Jacques Valente, com o apoio do cabo Gil da guarda nacional republicana. As circunstâncias da fuga levarão ao assassinato de Almeida Santos, dando origem ao romance de José Cardoso Pires, *A Balada da Praia dos Cães*, donde foi extraído um célebre filme.

Revolta da Sé

Texto 63

Anos antes, tinha havido aquela noite em que toda a família se viu numa aventura.

O meu pai participou na Revolta da Sé. E a minha mãe disse: «Hoje vamos fazer uma brincadeira muito engraçada.» Era irem dormir para a cave de uma amiga. «Então a cave estava cheia de colchões, porque nessa noite ia rebentar a revolta e podiam ir a nossa casa à procura do meu pai. Vi o meu pai de uniforme! Os civis que aderiam também deviam estar de uniforme para entrarem nos quartéis. O meu pai era extraordinário. Era um cavaleiro andante. E a minha mãe era uma apaixonada despertada por ele. «Sou casada com o Dom Quixote», escreveu ela ao Jorge de Sena. E a Luísa lá na cave: 'Ó menina, os seus pais são doidos varridos. O que é que a gente está aqui a fazer?'¹⁷»

Maria e Miguel Sousa Tavares

¹⁶ Manuel Augusto Dias, «Revolta da Sé foi há 55 anos - uma tentativa para depor o regime» em <https://www.avozdeermesinde.com>.
<https://www.publico.pt/2009/06/21/jornal/no-mundo-de-sophia-310973>

¹⁷ Alexandra Lucas Coelho (2009) «No mundo de Sophia», *Público*, 21 de Junho de 2009.

Ponto 11 – Igreja de São Domingos - Capela do Rato



Em 1965 Sophia tinha assinado o **Manifesto dos 101 Católicos**, que contesta a participação de Portugal na guerra em África e a forma como a hierarquia da Igreja apoia a lógica colonial do poder que arrasta o conflito armado em Angola, na Guiné-Bissau e em Moçambique. Desde janeiro de 1967, o primeiro dia do novo ano era também, por vontade de Paulo VI, o **Dia da Paz**. No dia **31 de dezembro de 1968**, e finalizada a missa vespertina na Igreja de São Domingos, na Baixa lisboeta, os fiéis presentes alertaram o padre Correia de Sá de que ninguém ia arredar pé. O párroco não gostou. E, assim, passaram a noite, até às cinco da

manhã do primeiro dia do ano de 1969, a ler textos sobre a guerra, cartas de soldados, a cantar... Apesar de a polícia ter sido chamada, a cantata não só durou toda a noite, com Sophia sempre presente, como polongou a missão muito para além da vigília que a censura abafou na imprensa. O *Diário da Manhã* do 1 de janeiro de 1969 publicou uma notícia com destaque, mas omite por completo o verdadeiro acontecimento e o principal motivo para a convocação da vigília: a guerra.

Texto 64

Cantata de paz

Vemos, ouvimos e lemos
 Não podemos ignorar
 Vemos, ouvimos e lemos
 Não podemos ignorar
 Vemos, ouvimos e lemos
 Relatórios da fome
 O caminho da injustiça
 A linguagem do terror
 A bomba de Hiroshima
 Vergonha de nós todos

Reduziu a cinzas
 A carne das crianças
 D'África e Vietname
 Sobe a lamentação
 Dos povos destruídos
 Dos povos destróçados
 Nada pode apagar
 O concerto dos gritos
 O nosso tempo é
 Pecado organizado.

*Cantata de paz por
 Francisco Fanhais*

Texto 65

Porque

Porque os outros se mascaram mas tu não
 Porque os outros usam a virtude
 Para comprar o que não tem perdão.
 Porque os outros têm medo mas tu não.
 Porque os outros são os túmulos caídos
 Onde germina calada a podridão.
 Porque os outros se calam mas tu não.
 Porque os outros se compram e se vendem
 E os seus gestos dão sempre dividendo.
 Porque os outros são hábeis mas tu não.
 Porque os outros vão à sombra dos abrigos
 E tu vais de mãos dadas com os perigos.
 Porque os outros calculam mas tu não.

*Porque por
 Francisco Fanhais*

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1958) *Mar novo*

Um ano após a participação na vigília de São Domingos, Sophia aceita fazer parte de uma nova organização que confronta o regime: a **Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos**. Muitos dos seus membros apoiarão uma das iniciativas que mais fortemente abalou a ditadura: a vigília da Capela do Rato.



Em **1972**, na **Capela do Rato** (também conhecida a **Capela de Nossa Senhora da Bonança**, mais tarde **Capela de Nossa Senhora da Conceição**), os progressistas procuraram de novo manifestar-se contra a guerra do Ultramar na passagem de ano. Mas, desta vez, o regime estava já alerta. A capela da **Calçada Bento da Rocha Cabral**, que tinha capacidade para 400 pessoas e estava cheia é cercada pela polícia às sete da tarde. Às nove, como a área isolada, tropas de choque e cães, os agentes dão ordem para a evacuação do templo em 10 minutos. Recusando obedecer, os manifestantes respondem cantando em coro: «*Perdoai-lhes, Senhor, que eles não sabem o que fazem*». A ousadia conduz decenas à esquadra para interrogatório. Catorce seguem para o Governo Civil e ficam detidos na prisão de Caxias durante duas semanas.

Texto 66

Assim os claros filhos do mar largo
Atingidos no sonho mais secreto
Caíram de um só golpe sobre a terra
E foram possuídos pela morte.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1954) *No tempo dividido*

Texto 67

Guerra ou Lisboa 72

Partiu vivo jovem forte
Voltou bem grave e calado
Com morte no passaporte

Sua morte nos jornais
Surgiu em letra pequena
É preciso que o país
Tenha a consciência serena

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1977) *O nome das coisas*

Texto 68

Poema inspirado nos painéis que Júlio Resende desenhou para o monumento que devia ser construído em Sagres

II

Regresso

Quem cantará vosso regresso morto
Que lágrimas, que grito, hão-de dizer
A desilusão e o peso em vosso corpo?

Portugal tão cansado de morrer
Ininterruptamente e devagar

Enquanto o vento vivo vem do mar
Quem são os vencedores desta agonia?
Quem os senhores sombrios desta noite
Onde se perde morre e se desvia
A antiga linha clara e criadora
Do nosso rosto voltado para o dia?

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1958) *Mar Novo*

Texto 69

O soldado morto

Os infinitos céus fitam seu rosto
absoluto e cego
E a brisa agora beija a sua boca
Que nunca mais há-de beijar ninguém.

Tem as duas mãos côncavas ainda
De possessão de impulso de promessa.
Dos seus ombros desprende-se uma espera
Que dividida na tarde se dispersa.

E a luz, as horas, as colinas
São como pranto, em volta do seu rosto
Porque ele foi jogado e foi perdido
E no céu passam aves repentinas.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1958) *Mar Novo*

Texto 70

Eis-me

Tendo-me despido de todos os meus mantos
Tendo-me separado de adivinhos mágicos e deuses
Para ficar sozinha ante o silêncio
Ante o silêncio e o esplendor da tua face

*Eis-me por
Opoetadacidade*

Mas tu és de todos os ausentes o ausente
Nem o teu ombro me apoia nem a tua mão me toca
O meu coração desce as escadas do tempo em que não moras
E o teu encontro
São planícies e planícies de silêncio

Escura é a noite
Escura e transparente
Mas o teu rosto está para além do tempo opaco
E eu não habito os jardins do teu silêncio
Porque tu és de todos os ausentes o ausente

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1962) *Livro sexto*

Ponto 12 – 25 de Abril de 1974 - Largo do Carmo



António de Oliveira Salazar (Vimieiro, 28 de abril de 1889 - Lisboa, 27 de julho de 1970)

Sophia tinha somente 14 anos quando o **Estado Novo** se instala. Com ele convive por mais 41. Afronta-o. Combate-o. Este devolve-lhe muitas vezes a afronta e o combate.

«As formas, os gestos, as instituições do Estado Novo irritavam-me profundamente, em todos os aspetos, desde a linguagem até ao estilo».

Entrevista a Eduardo Prado Coelho, em 1986.

A primeira irritação profunda ocorre talvez em 1956. O irmão e arquiteto João Andresen ganha o concurso para a construção de um monumento ao infante D. Henrique, em Sagres, monumento a que o arquiteto dá o nome de Mar Novo. No entanto, Salazar recusa o resultado do concurso e refere que o Conselho de Ministros decidiu não construir tal obra. A revolta de Sophia, que vinha já de trás, ganha forma de livro. Publica **Mar Novo** em 1958.



Marcelo das Neves Alves Caetano (Lisboa, 17 de agosto de 1906 - Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1980)

«O livro é um livro de rotura, politicamente muito significativo. Se lermos com atenção o livro reparamos que há um grito de revolta. E esse grito é pela injustiça que tinha sido cometida [contra o irmão] e, simultaneamente, buscando nas raízes históricas a necessidade de olhar a cultura portuguesa, sendo ela fiel às raízes, em nome da liberdade».

Guilherme d'Oliveira Martins, amigo de Sophia que com ela partilhou o trabalho no Centro Nacional de Cultura.

Texto 71

Este é o tempo

Este é o tempo
Da selva mais obscura

Até o ar azul se tornou grades
E a luz do sol se tornou impura

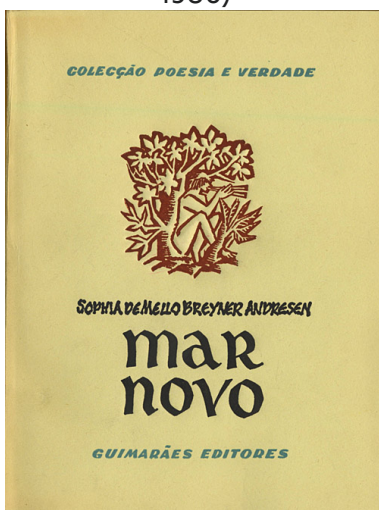
Esta é a noite
Densa de chacais
Pesada de amargura

Este é o tempo em que os homens renunciaram.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1958) **Mar Novo**

Apesar da subversão em **Mar Novo**, Sophia não era tida pelo Estado Novo, nem pela polícia política, a PIDE, como subversiva –ao contrário, por exemplo, do marido Francisco. Aliás, na ficha de Sophia na PIDE lê-se apenas:

*Este é o tempo por
Sonora Face*



«Nada consta em desabono do seu porte moral. Politicamente consta que é desafeta ao atual regime, não lhe sendo, no entanto, conhecidas quaisquer atividades.»

Ainda assim, teve sempre a vida revolvada. A censura sabia quem recebia em casa, no primeiro andar do número 57 da Travessa das Mónicas à Graça, entre políticos, escritores e jornalistas, de Mário Soares a Jorge de Sena e a José Saramago; acompanhava quaisquer eventos públicos em que surgisse, sobretudo apresentações de livros e colóquios; cada telefonema era escutado e relatado; as cartas tinha-as intercetadas; as entradas e saídas vigiadas.

Sophia sabia-o bem. Certo dia, à porta da casa de um amigo, apercebeu-se de que um agente a fotografava à distância. Aproximou-se e pediu-lhe o número telefone, dizendo que gostaria de receber uma cópia do retrato que lhe fizera. «Esta minha mulher é extraordinária! Não viu que era um PIDE?», reagiu Francisco. Sophia vira, claro.

Sophia recordaria, em entrevista, em 1989:

«Antes do 25 de Abril tive muitos problemas, sim. Não me censuraram os livros, mas censuraram-me entrevistas, por exemplo. E censuraram-me poemas nos jornais. Sim, cortaram-me poemas inteiros. Às vezes eu nem percebia muito bem porquê. Uma vez percebia, mas muitas das vezes não. Revistavam a casa. Censuravam-me as cartas dos amigos. Lembro-me de que, um dia, o homem do correio me disse: 'A senhora desculpe, mas há aqui muita coisa que não chega.' Tinha ordem para ser examinado. E tive vários amigos presos.»

Sophia soube do 25 de Abril por um amigo, que lhe telefonou às quatro e meia da manhã, alertando-a para ligar a rádio, alertando-a para a revolução. É seu o poema, escrito somente dois dias após a revolução, que descreve aquele dia como «o dia inicial inteiro e limpo», um momento a partir do qual «livres habitamos a substância do tempo». A poeta ouve a emissão de um quarto da casa com uma porta de vidro que dava para o jardim. Vendo a revolução avançar construir-se, presentia a mudança. «Víamos crescer a claridade do dia e sentíamos-nos emergir das trevas e do opaco. Foi para nós mais do que uma revolução, foi uma ressurreição. Era Páscoa. Vi um povo inteiro habitar a transparência. Vi multidões dançar de liberdade».



Fernando José Salgueiro Maia (Castelo de Vide, 1 de julho de 1944 - Lisboa, 4 de abril de 1992),

Tinham sido tantas as esperanças mortas à nascença que, admite Sophia, pairava a pergunta: «Será que estamos a sonhar?»

Mais mesmo que a revolução falhasse, teria valido a pena tentar: «Pois o 25 de Abril era para nós mais do que uma libertação política, era a libertação da vida, a renovação do mundo. Por isso escrevi:

25 de Abril

Esta é a madrugada que eu esperava
 O dia inicial inteiro e limpo
 Onde emergimos da noite e do silêncio
 E livres habitamos a substância do tempo.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1977) *O nome das coisas*

25 de abril por Rui
 de Noronha Ozorio,
 actor

A madrugada seria longa. Às 5 da manhã, Levy Baptista e Sophia ainda passaram no jornal *O Século* para saberem das novidades na fonte das notícias.

O tumulto preocupava. E se a PIDE se vingava? E se os presos eram soltos de qualquer maneira para dar à polícia política um pretexto de fuzilamento? Levy correu ponde pôde a lançar alertas. «**Não os soltem sem garantias!**» No dia seguinte, às 9h da manhã, também Francisco Sousa Tavares se juntou a outros advogados para dar início a várias iniciativas que levassem à libertação de toso os presos políticos. O objetivo seria conseguido durante a madrugada do dia 26 de abril, como noticia o jornal *República*: «**A 1 hora de hoje não havia presos políticos em Caxias. A libertação começou à meia-noite e trinta.**»

Na tarde de 25 de Abril de 74, recorda-se de ver o pai e o filho, Francisco e Miguel, no Largo do Carmo -nas primeiras horas da revolução, a discursar. «**O Francisco até falou com o megafone do Salgueiro Maia, em cima da guarita da GNR - essa imagem é icónica. Era um tipo fascinante, cultíssimo, corajoso e muito truculento no que dizia e escrevia, e o Miguel herdou alguma dessa personalidade do pai.**»

Texto 73**Relato de Francisco Sousa Tavares: O meu 25 de Abril**

Foi para mim um dia longo e emotivo: às 4h da madrugada, o telefonema dum sobrinho -Bernardo Castelo-Melhor- avisou-me que, de meia em meia hora, o Rádio Clube Português emitia um comunicado do Movimento das Forças Armadas, no qual se falava em liberdade e se apelava à calma e à adesão do povo. (...)

Não pude conter a minha impaciência e fui para a rua. (...) No Largo do Carmo estava a força de Santarém e estava sobretudo Salgueiro Maia. Nas longas horas que com ele ali vivi e confraternizei, pude apreciar a tranquila audácia dum homem que, com duas autometralhadoras e centena e meia de recrutas, estava a destruir 50 anos de História, de farroncas de força e de poder, mantendo em respeito uma força profissional e adestrada como era a Guarda Nacional Republicana. Salgueiro Maia estava cercado; pelo Rossio quase até ao alto da Calçada do Carmo, pela Rua da Trindade e Largo da Misericórdia, onde se encontravam entrincheiradas as forças da GNR. No Chiado,

Francisco Sousa
 Tavares



Cartaz da autoria de Maria Helena Vieira da Silva, intitulado «A Poesia Está na Rua». Este cartaz faz parte de uma selecção *A Vida Portuguesa* para comemorar o 25 de Abril.



Francisco Sousa Tavares no Largo do Carmo durante o cerco ao Quartel-General da Guarda Nacional Republicana (GNR), pelos militares do Movimento das Forças Armadas, MFA, a 25 de abril de 1974.



Francisco e Miguel Sousa Tavares, à esquerda Jorge Sampaio, na libertação dos presos políticos a seguir ao 25 de Abril.

até aos largos, os blindados hostis de Cavalaria 7, e julgo recordar que também da Cavalaria 2 e Metralhadoras. (...) Levada pelo sopro da liberdade, a multidão acorria e o quadro do povo expressava ali a vontade da Nação contra qualquer veleidade de repressão sangrenta. Maia, audacioso e sereno, pediu-me que falasse ao povo. Fi-lo por duas vezes, uma através dos microfones dum camião da Rádio e, mais tarde, com um megafone, empoleirado na guarita da sentinela do Carmo (...). A certa altura, falei a Maia do cerco potencial em que se achava envolvido e na evidente necessidade de não prolongar indefinidamente a tomada do Carmo, onde Marcelo e parte do governo se encontravam, guardando com eles o selo da soberania e do poder. Foi então que pude medir a dimensão extraordinária daquele homem. Respondeu-me na calma: «Sabe, estes homens que eu trago não sabem atirar e o seu manejo de armas é totalmente incipiente; o que você diz também me preocupa, mas pode-me fazer um favor – ficou de vir ter comigo, aqui ao Carmo, a força revolucionária de Estremoz, de Cavalaria 3, que é importante e já cá devia estar. É comandada pelo capitão Ferreira, está atrasada e tenho receio de que, conhecendo mal Lisboa, não saiba o caminho.»

Parti imediatamente e tive a sorte de encontrar Cavalaria 3 na Rua Castilho. Tomei lugar no carro de comando com o capitão Ferreira e voltámos para o Carmo o mais depressa possível. No Largo da Misericórdia, depois duma conversa de Ferreira com o capitão ou major que comandava a GNR entrincheirada, levantou-se o cerco para nos deixar passar.

E mal chegou Estremoz, Maia sentiu-se em posição de enviar um ultimato de rendição ao quartel e lançar dois tiros de aviso à fachada, perante o entusiasmo incontido da multidão que gritava: «Está na hora! Viva a Liberdade!»

Meu futuro genro, Francisco Ribeiro Teles (...) vinha como miliciano com as tropas de Maia – onde só havia voluntários. Confirmou-me, no telhado dum edifício do Carmo onde o fui ver, que era verdade a condição de recrutas com instrução quase nula dos soldados comandados por Salgueiro Maia. (...)

Fiquei no Carmo até à rendição do governo. A partir daí, a euforia da vitória inundou Lisboa, mas não pude esquecer que, em Caxias, se encontravam os presos políticos, sem ordem de libertação e às ordens da PIDE.

Procurei instruções no Rádio Clube e aí conheci Costa Gomes, simpática figura de homem, de militar e de revolucionário, que me disse não haver a menor possibilidade de destacar forças para Caxias, além do problema jurídico inerente à libertação, e que me deu como conselho a efectuação duma vigília popular em torno da prisão. Só no dia seguinte, 26 de Abril, um grupo de advogados de que fiz parte encetou, às 9h da manhã, uma batalha em sucessivos debates e episódios, uns sérios, outros cómicos, até conseguir a libertação total de todos os presos, entre eles o grande obstáculo que era Palma Inácio, defendido brilhantemente por Salgado Zenha. A libertação deu-se já à noite, e à luz dos archotes, os presos levados em triunfo, os cantos revolucionários, o entusiasmo da imensa multidão

que se juntara desde a véspera constituiu um espectáculo de beleza rara e duma emoção que ainda hoje me comove, me inebria e me faz sentir feliz, por ter cumprido, como português e como homem, tudo o que me foi possível e me foi pedido para libertar Portugal.

27 de Abril de 1991

A paz sem vencedores e sem vencidos por Maria Barroso

Francisco SOUSA TAVARES (2014) Uma *Voz na Revolução*

Texto 74

A paz sem vencedores e sem vencidos

Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos
Que o tempo que nos deste seja um novo
Recomeço de esperança e de justiça.
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos
Erguei o nosso ser à transparência
Para podermos ler melhor a vida
Para entendermos vosso mandamento

Para que venha a nós o vosso reino
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos
Fazei Senhor que a paz seja de todos
Dai-nos a paz que nasce da verdade
Dai-nos a paz que nasce da justiça
Dai-nos a paz chamada liberdade
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos

Sophia de MELLO BREYNER (1972) *Dual*

Texto 75

Revolução

Como casa limpa
Como chão varrido
Como porta aberta
Como puro início
Como tempo novo
Sem mancha nem vício
Como a voz do mar

Interior de um povo
Como página em branco
Onde o poema emerge
Como arquitectura
Do homem que ergue
Sua habitação

Revolução por
Andreia Nunes,
poeta

27 de abril de 1974

Sophia de MELLO B. (1983) *Navegações*

Texto 76

Esta gente

Esta gente cujo rosto
Às vezes luminoso
E outras vezes tosco
Ora me lembra escravos
Ora me lembra reis
Faz renascer meu gosto
De luta e de combate
Contra o abutre e a cobra
O porco e o milhafre
Pois a gente que tem
O rosto desenhado
Por paciência e fome

É a gente em quem
Um país ocupado
Escreve o seu nome

Esta gente por
Sophia de Mello

E em frente desta gente
Ignorada e pisada
Como a pedra do chão
E mais do que a pedra
Humilhada e calcada

Meu canto se renova
E recomeço a busca
De um país liberto
De uma vida limpa
E de um tempo justo

Sophia de MELLO BREYNER (1967) *Geografia*



Texto 77

Salgueiro Maia

Salgueiro Maia
Aquele que na hora da vitória
Respeitou o vencido

Aquele que deu tudo e não pediu a paga

Aquele que na hora da ganância
Perdeu o apetite

Aquele que amou os outros e por isso
Não colaborou com sua ignorância ou vício

Aquele que foi «Fiel à palavra dada à ideia tida»
Como antes dele mas também por ele
Pessoa disse

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1994) *Musa*

Salgueiro Maia por
Associação
Lusofona

Ponto 13 – Centro Nacional de Cultura, Rua António Maria Cardoso, nº 68



Enquanto o marido estava preso em Caxias, Sophia ajudou a fundar a **Comissão Nacional de Socorro** aos Presos Políticos, que foi sede de oposição ao regime e prestava apoio jurídico, funcionando clandestinamente no **Centro Nacional de Cultura**, a meros 50 metros da sede da PIDE –um centro a que tanto Francisco como Sophia estavam ligados desde a fundação, por um grupo de jovens católicos em 1945; o centro é presidido por Francisco desde 1957 e por Sophia a partir de 1965. O CNC tornou-se uma sede de oposição ao regime.

Fragmentos sobre a PIDE

Texto 78

«Sophia diz que fez de tudo no Centro Nacional, inclusive as tapas para pequenas festinhas. E dizia, com muita graça, que só não lhe pedissem grandes intervenções e mesas redondas. Mas a verdade é que teve um papel extraordinariamente importante em 1965, uma vez que, com o fecho e a proibição da Sociedade Portuguesa de Escritores, Sophia candidata-se à direção do Centro Nacional de Cultura. O Centro é um núcleo importante de nítida oposição, moderada, ao regime. Tudo isto se faz à volta de Sophia. Sophia tem aqui um papel sereno, muito, muito comedido no que se refere à sua presença, mas muito corajoso. É ela que vai à PIDE, sempre na primeira linha. Começaram por ser encontros muitos ligados ao pensamento, à filosofia e à poesia, mas depois as reuniões acabavam, claro, por ter algum debate mais político. E sobretudo por uma questão: o pontificado de João XXIII. Porquê? Porque anuncia o Concílio Vaticano II, que vai ser motivo de um debate muito renovador no Centro, mas um debate muito incómodo, uma vez que uma das questões fundamentais que está na posição da Igreja é que a Igreja não é eurocêntrica e que a Igreja tem de se virar para o terceiro mundo, compreender naturalmente os problemas da dimensão colonial, da guerra no Ultramar. São questões que preocupam muito a Sophia.»

Guilherme d'Oliveira Martins

A religião, tendo Sophia uma educação católica, tem na poeta um lugar de revolta também.

Texto 79

«A Sophia era uma cristã, a presença de Deus –embora um Deus muito pessoal– está presente na obra dela constantemente. Mas ela achava que muitos daqueles que se diziam católicos, não eram verdadeiramente católicos –e, sobretudo, não seriam cristãos. Porque não eram capazes de denunciar as injustiças e as opressões. E é também em nome dessa fé que ela intervém na política. Ela está ligada aos chamados católicos progressistas e à Capela do Rato».

José Manuel dos Santos.

Em 1962, no *Livro Sexto* (que é distinguido em 1964 pela Sociedade Portuguesa de Escritores com o Grande Prémio de Poesia), Sophia escreve um outro poema, «As Pessoas Sensíveis», que critica precisamente o conformismo que, na visão de Sophia, estava instalado entre católicos.

Texto 80

As pessoas sensíveis

As pessoas sensíveis não são capazes
De matar galinhas
Porém são capazes
De comer galinhas

O dinheiro cheira a pobre e cheira
À roupa do seu corpo
Aquele roupa
Que depois da chuva secou sobre o corpo
Porque não tinham outra
O dinheiro cheira a pobre e cheira
A roupa
Que depois do suor não foi lavada
Porque não tinham outra

«Ganharás o pão com o suor do teu rosto»
Assim nos foi imposto
E não:
«Com o suor dos outros ganharás o pão»

Ó vendilhões do templo
Ó construtores
Das grandes estátuas balofas e pesadas
Ó cheios de devoção e de proveito

Perdoai-lhes Senhor
Porque eles sabem o que fazem

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1962) *Livro Sexto*

Em 1964, Sophia assina o **Manifesto dos 101 Católicos**, que contesta a participação de Portugal na guerra em África. Sophia e outras personalidades escrevem ao Presidente Américo Thomaz na tentativa de o persuadir, enquanto católico, a pôr fim ao conflito:

«Tem Vossa Excelência afirmado publicamente a sua qualidade de católico. E é, pois, por nos sentirmos irmanados numa fé e numa moral, que vimos respeitosamente solicitar a intervenção de Vossa Excelência para que a nossa maneira de pensar e sentir seja conhecida de outros portugueses»

Carta enviada para a agência France-Presse.

Apesar do profundo desconforto que gera no regime, o manifesto não surtiu qualquer efeito prático. Então, os progressistas resolveram agir.

Ponto 14 – A PIDE, Rua António Maria Cardoso, nº 22



À sede da PIDE só foi chamada uma vez –lá entraria outras vezes, mas sempre para visitar presos. E é chamada porque assina um panfleto contra a polícia política, intitulado «Os serviços de repressão do regime empregam métodos que uma consciência humana bem formada não pode tolerar e um espírito cristão tem necessariamente de repudiar». Estávamos em agosto de 1959. A intenção da PIDE nunca foi prender ou torturar Sophia como a outros fizera –dizia-se até que

haveria indicações do interior do regime para «não se tocar» em Sophia–, antes intimidar. Mas Sophia não se intimidava. E reagiu, como sempre perante as «mãos horrorosas dos fascistas» (escreveu-o numa carta a Jorge de Sena), com humor, sarcasmo, quase afronta.

Sophia falando do
Estado Novo
Carta a Francisco
História do
elevador

Texto 81

Quando fui chamada à PIDE resolvi tomar o assunto com humor. Quando me telefonaram a dizer para me apresentar, eu perguntei: 'Onde é que fica?...'. O homem ficou um tanto desmoralizado. Assunto? Era sobre uma carta, assinada por várias pessoas. Uma carta ao Salazar sobre a PIDE. Fui recebida por um polícia que devia ser o encarregado da operação e que tentou explicar-me que a polícia era cheia de brandos costumes e que não fazia mal a ninguém. E, a certa altura, eu aproveitei tanta amabilidade. Tinha-me esquecido de levar cigarros, de maneira que fumei todos os cigarros do polícia. Depois pedi-lhe um copo de água. Então, ele abriu a porta e gritou lá para dentro: 'Tragam um copo de água, mas lavem o copo!' – Sophia sofria de misofobia, um medo patológico da sujidade.

Carta a Jorge de Sena

Desta visita de Sophia à sede da PIDE há registo de cinco páginas de perguntas do inspetor adjunto José Aurélio Boim Falcão e do chefe de brigada Armando Borges Rego, datilografadas pelo agente Fernando Gaspar, na ocasião o escrivão. É confrontada com um exemplar do panfleto. Perguntam-lhe se é a autora. Sophia responde que «não», que tomou conhecimento do documento pelo marido e que «concordou em absoluto» com o seu teor. Aos inquiridores ressaltavam semelhanças com publicações comunistas –afinal, por diversas vezes Sophia viu serem-lhe apreendidos, na correspondência, exemplares do jornal *Avante*. Sophia recusa semelhanças, «nem na forma, nem nos fins, nem na finalidade». «E mais não declarou», lê-se na data do interrogatório.

À saída, perguntou ao inspetor: «Este elevador é seguro?» O agente diz-lhe que sim, que era, e Sophia atira de chofre, desafiadora: «Eu só tenho medo de duas coisas na vida: de elevadores e de fantasmas.» E utilizou as escadas para sair¹⁸.

¹⁸ <https://especiais.rr.pt/sophia-100-anos/index.html>



Francisco José Carneiro de Sousa Tavares (Lisboa, 12 de junho de 1920 – Lisboa, 25 de maio de 1993)

O marido, **Francisco Sousa Tavares**, foi funcionário superior do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência e do Ministério da Educação Nacional. Em 1958 apoiou a candidatura do general Humberto Delgado à Presidência da República, o que motivou a sua expulsão desse Ministério. O 11 de março de 1959, participou na **Revolta da Sé**, sendo um dos contactos civis dos militares que intentaram contra o regime naquela data. Em 1965, assinou o manifesto católico de apoio às posições da oposição democrática, que ficou conhecido por «Manifesto dos 101». Foi preso duas vezes, em 1966 e 1968 em Caxias, por suspeita de ter denunciado à imprensa inglesa o denominado escândalo dos «Ballets rose». Esteve presente nas vigílias, promovidas pelos «Católicos progressistas», na igreja de São Domingos e na capela do Rato, pelo que seria preso mais uma vez e expulso do serviço público (era então funcionário do Instituto Nacional do Trabalho).

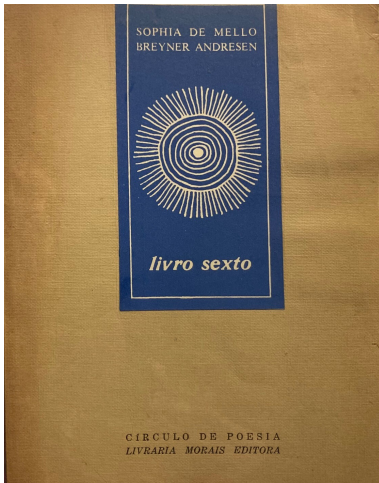
Enquanto Francisco esteve preso em Caxias, na cela 27, no 2.º andar do Pavilhão Norte da Cadeia da PIDE, «por exercer atividades subversivas contra a segurança do Estado», as visitas de Sophia tinham um vidro a separá-los. Uma das detenções coincide com o aniversário de casamento.

Texto 82

«Querido Francisco,
Faz hoje 20 anos do nosso casamento! Inacreditável que tenha passado tanto tempo, sem que nada tenha envelhecido.
Através de todas as lutas, alegrias e problemas a unidade teceu o seu caminho.
Amanhã volto a vê-lo por detrás do vidro. Ao fim de 20 anos de casamento, voltamos ao namoro de janela.
Fui almoçar ao Campo Grande com a minha mãe, tia Teresa, Maria Pinto da Cunha, Gustavo e Teresa. A meio da tarde vim para a casa. Quando aqui cheguei tive uma surpresa que me tocou até ao fundo do coração: a casa estava cheia de flores porque vários amigos nossos tinham mandado flores com parabéns pelo vigésimo aniversário dos nosso casamento.
Tomámos chá, eu e a mãe, Teresa e tem sido ótimo.
Amã vou-lhe mandar versos que escrevi. Hoje estou com sono.
Adorei que tivesse gostado tanto da minha oração.
Boa noite, meu querido. Mil e mil saudades. Um beijo.
Sophia.
PS: Diga o que quer que eu lhe leve no sábado. Gostei tanto da sua carta. Reli-a muitas e muitas vezes!».

A correspondência trata essencialmente do quotidiano: dos filhos, das contas, de pequenos recados, de gripe, do carro, de almoços, jantares, os dias passados em família na ausência de Francisco, da falta que Sophia sente do marido e de como a prisão não abalou essa saudade, antes a fortaleceu. Nunca falam de política. Não diretamente. Haveria, contudo, um código para o fazerem, como recordou o filho Miguel Sousa Tavares, ele que muitas vezes acompanhou a mãe nas visitas.

Texto 83



O código era fabuloso. Não era fácil decifrar e sobretudo escrever em código. A PIDE apreendia poucas cartas, porque aquilo parecia inocente. Mas as palavras tinham uma ordem de um enigma inventado por eles que era brilhante.

Quando ela [a mãe] dizia, por exemplo, 'o tio José manda dizer que...'; eu estava por dentro do código secreto, já sabia que era uma mensagem do Mário Soares.

Miguel SOUSA TAVARES (2018) *Cebola Crua com Sal e Broa*.

É sobretudo a partir da década de 60 que se revela, na poesia de Sophia, a luta política, e a indignação contra o regime ditatorial. Com o *Livro Sexto* surgem os poemas mais directos de crítica e oposição ao regime como O Velho Abutre, dirigido a Salazar.

Texto 84

Caxias 68

Luz recortada nesta manhã fria
Muros e portões chave após chave
O meu amor por ti é fundo e grave
Confirmado nas grades deste dia
Fevereiro de 1968

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1972) *Dual*

Texto 85

O velho abutre

O velho abutre é sábio e alisa as suas penas
A podridão lhe agrada e seus discursos
Têm o dom de tornar as almas mais pequenas.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1962) *Livro Sexto*

O velho abutre por
Julia Maria Ferreira

Texto 86

Exílio

Quando a pátria que temos não a temos
Perdida por silêncio e por renúncia
Até a voz do mar se torna exílio
E a luz que nos rodeia é como grades

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1962) *Livro Sexto*

Texto 87

Data

Tempo de solidão e de incerteza
Tempo de medo e tempo de traição
Tempo de injustiça e de vileza
Tempo de negação

Data por Cia Gayba Marco
Guayba (Marco Antônio
Guahyba Justo, nome artístico:
Marco Guayba. diretor de
teatro e poeta)

Tempo de covardia e tempo de ira
Tempo de mascarada e de mentira
Tempo de escravidão

Tempo dos coniventes sem cadastro
Tempo de silêncio e de mordança
Tempo onde o sangue não tem rasto
Tempo da ameaça

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1962) *Livro Sexto*

Este livro levou a Sociedade Portuguesa de Escritores a atribuir a Sophia o Grande Prémio de Poesia. Em 1965 a PIDE regista que Sophia é membro de uma tal «Comissão Nacional Pró-Amnistia aos Presos Políticos Portugueses». Já em 1969 Sophia ajuda a formar a **Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos**. No início dos anos 70 dedicará belíssimos poemas a «Che Guevara» e a «Catarina Eufémia» (comparando a camponesa alentejana a Antígona na sua busca da justiça).

Texto 88

Túmulo de Lorca

Em ti choramos os outros mortos todos
Os que foram fuzilados em vigílias sem data
Os que se perdem sem nome na sombra das cadeias
Tão ignorados que nem sequer podemos
Perguntar por eles imaginar seu rosto
Choramos sem consolação aqueles que sucumbem
Entre os cornos da raiva sob o peso da força

Não podemos aceitar. O teu sangue não seca
Não repousamos em paz na tua morte
A hora da tua morte continua próxima e veemente
E a terra onde abriram a tua sepultura
É semelhante à ferida que não fecha

O teu sangue não encontrou nem foz nem saída
De Norte a Sul de Leste a Oeste
Estamos vivendo afogados no teu sangue
A lisa cal de cada muro branco
Escreve que tu foste assassinado

Não podemos aceitar. O processo não cessa
Pois nem tu foste poupado à patada da besta
A noite não pode beber nossa tristeza
E por mais que te escondam não ficas sepultado

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1967) *Geografia*

Túmulo de Lorca por
2 Dedos de conversa

Ponto 15 — Praça da Constituição de 1976



Sophia de Mello no congresso do PS
Carta de Sophia sobre a Política

Sophia foi deputada pelo Partido Socialista na Assembleia Constituinte e legou-nos a sua mais bela definição: «Socialismo deve ser uma Aristocracia para Todos», uma forma de todos alcançarem aos mesmos domínios a que só o aristocrata e o privilegiado acedem pela natureza do meio social em que nasceram.

Numa entrevista de 1982, Sophia recorda a primeira memória que tem de revolta:

«Na minha infância havia uma certa miséria não escondida, que depois desapareceu. Foi arrumada não se sabe para onde pelo Estado Novo. Essa grande miséria muito patente era uma interrogação enorme, um escândalo no meio do mundo e da infância. Em determinada altura, e por influência de pessoas com quem convivi, esse escândalo foi-se estruturando e tomando forma mais definida. O que era só uma indignação ou um espanto ou uma angústia foi-se transformando numa escolha política. A partir de certo momento pensei ser necessária uma luta pela justiça que passava pela política. O que está na base da minha opção política é o não aceitar o escândalo. É o não aceitar que haja pessoas inteiramente sacrificadas. O considerar que não é possível passar por cima do cadáver dos outros ou por cima de vidas diminuídas e desumanizadas.»

Sophia de Mello Breyner Andresen, entrevista em 1982.

A propósito de um regime que «há perto de 50 anos subverte os valores de justiça, liberdade e cultura», Sophia declarou, durante um comício da CEUD:

«Entrei nesta campanha eleitoral para ajudar a modificar um sistema político e social que em minha consciência considero injusto. A situação portuguesa é grave e urgente. Temos de tentar conseguir já tudo aquilo que possa ser conseguido já. Aos pobres é costume dizer: 'Tenham paciência'. Mas na verdade devemos dizer: 'Não tenham paciência'. Devemos pedir ao povo português que procure o caminho de uma 'impaciência pacífica'. Que se exprima e combata sem violência, mas com teimosia e firmeza. Que use desta arma pacífica que é o voto. E é por isso que reclamamos eleições livres para que o povo português volte a ter confiança no sistema eleitoral.»

Sophia assumiria um lugar ativo, politicamente, nos anos que se seguiram. E aceitaria o convite de Mário Soares para integrar o Partido Socialista, acabando eleita deputada à Assembleia Constituinte. «Tinha uma certa obrigação de participação», explica, numa entrevista de 1982.

«Estamos no Partido Socialista porque acreditamos que é possível construir um mundo mais justo, mais livre e mais fraterno. Um mundo onde cada homem possa estar no centro da vida. Um mundo onde ninguém seja explorado, onde ninguém

seja atirado para a valeta, um mundo onde ninguém seja atirado para as traseiras da vida. Há dois inimigos da esquerda que devemos combater, a demagogia e as falsas vanguardas ideológicas. O demagogo é aquele que conhece a arte de enganar e excitar as massas. O demagogo é aquele que conhece a arte de utilizar a palavra para enganar e para mentir. A demagogia é a caricatura da política.»

Sophia de Mello Breyner Andresen, março de 1975, no jornal *Portugal Socialista*.

A primeira intervenção é o **1 de agosto de 1975**. E é dura. Durante sete minutos, Sophia critica as decisões políticas tomadas após a revolução.

«Desgraçadamente, dia após dia, a revolução tem estado a ser desvirtuada pelo abuso e pela avidez de poder das falsas vanguardas ideológicas. Apesar do descontentamento crescente evidente e justo do povo português, a revolução tem estado constantemente a ser liderada pelo maximalismo literato dos falsos intelectuais de Lisboa, pelo facciosismo dos inconscientes e dos loucos, e pelas estratégias dos oportunistas do marxismo pronto-a-vestir.»

Sophia de Mello Breyner Andresen

Neste discurso, o primeiro, Sophia demonstrava já desencanto pela política. Ainda assim, envolveu-se diretamente na Comissão para a Redação do Preâmbulo da Constituição, presidindo-a. Manuel Alegre foi o redator do preâmbulo da Constituição.

«Eu escrevi o preâmbulo. E lembro-me de que houve ali uma palavra ou outra que ela esteve a ver comigo, e ainda mexeu ali numa palavra ou outra. A preocupação com a língua era presente. Com a língua e com as ideias. Mas foi [deputada] naquele período muito turbulento. Afligi-me quando foi do cerco à [Assembleia] Constituinte, porque eu e o Mário Soares conseguimos sair, mas ela ficou. Ela era uma pessoa muito corajosa, uma falsa-frágil.»

Manuel Alegre

«Ela vivia [o cargo de deputada] com uma grande euforia, entusiasmo pela liberdade. Mas também com uma grande preocupação contra a demagogia, aquilo a que ela chamava o 'capitalismo das palavras'. E preocupada com a preservação da 'madrugada', que se mantivesse a pureza da 'madrugada', que é o tempo justo e limpo que ela queria. Ela queria que o 25 de Abril não se degradasse e não se pervertesse. Ela afligia-se com certas discussões.»

Manuel Alegre à *Renascença*.

Foi a 2 de setembro de 1975, a propósito do Artigo 28.º e da liberdade de criação intelectual, artística e científica, Sophia fez uma grande intervenção

«Sabemos que toda a cultura real trabalha para a libertação do homem e que, por isso, toda a cultura real é, na sua raiz, revolucionária. Sabemos que não podemos construir, de facto, o socialismo se não ultrapassarmos o uso burguês da cultura. A cultura não é um luxo de privilegiados. Se o homem é capaz de criar a revolução, é exatamente porque é capaz de criar a cultura.»

A 12 de novembro de 1975, na sequência da discussão sobre o contrato coletivo de trabalho (exigiam-se aumentos salariais de 60%) na construção civil, centenas de trabalhadores cercariam a Assembleia. Alegre e Mário Soares, pressentindo o cerco,

deixam o hemiciclo e apanham um táxi nos jardins de São Bento. Sophia e restantes deputados acabam sequestrados toda a noite de 12 para 13 de novembro. Muitos reclamam da escassez de comida, que esgotara no bar da Assembleia, do vexame daquele sequestro. De Sophia não se ouve reclamação. Os deputados acabariam libertados um por um, atravessando um corredor humano, entre gritos de «Fascistas!» e «Reacionários!». Sophia, à saída, cruza as mãos sobre o peito e pergunta apenas: «Fascista? Eu?...»

Abandonaria o Parlamento aquando do fim da Constituinte. Porquê?

«Quando estava na Assembleia tive uma experiência importante. Saí um dia mais cedo e atravessei o Bairro Alto a pé. Na rua havia um pequeno grupo de crianças a brincar na soleira de uma porta. E chamaram-me e perguntaram se eu era a Sophia de Mello Breyner Andresen. Eu disse que sim. Mas como é que elas sabiam? Elas responderam que a professora estava a ler uma história minha na aula e tinham visto um retrato meu. Fiquei a conversar com as crianças – e pensei, de repente, que escrever era a minha verdadeira participação política.»

Sophia de Mello Breyner Andresen, entrevista em 1992.

E mais justificou, em 1989:

«Eu nunca gostei de ser deputada, sempre achei que era uma coisa que não era para o meu género de trabalho, aquilo que eu poderia fazer. Custou-me horrorosamente, fez-me imenso mal à saúde. Eu sou muito irrequieta, quando escrevo ando sempre de um lado para o outro, mexo-me, vou ao jardim, abro uma porta, vou buscar um livro. E estar ali sentada a ouvir falar, falar, falar, era uma agonia. Senti-me muito mal no Parlamento. Depois acho que aquele tipo de discussão é para advogados. Eu às vezes penso como é que é possível que o mundo seja tão mal governado. É tudo advogados e economistas, pessoas que têm uma noção muito parcial da realidade muito desencarnada. Isso para mim era um combate quase impossível.»

Sophia de Mello Breyner Andresen, entrevista em 1989.

Distancia-se da vida partidária. E recusa diversos cargos. É convidada por Soares para ser embaixadora em Paris, e recusa. Em 1978 é convidada para secretária de Estado da Cultura, e recusa.

«Da política nem falo. Ou melhor, falo. É uma política dominada pela exterioridade, pela vaidade e pela leviandade machista. Convidaram-me para ir para secretária de Estado da Cultura, mas não aceitei porque com o meu filho Xavier [que sofrera um acidente no começo da adolescência] a pedir uma atenção constante eu não teria a disponibilidade necessária. E também porque, dada a composição do resto do Ministério, eu encontraria grandes incompreensões que me paralisariam. O PS tem da cultura uma noção decorativa radicalmente burguesa. Além disso, detestaria ser uma espécie de ministro com tudo o que isso representa de burocracia e tarefas ocas. Graças a Deus sou mulher e, por isso, não sinto necessidade de triunfo na carreira. Aliás, penso que um artista não deve ser Governo mas, sim, influenciar os governantes.»

Carta a Jorge de Sena

Novamente a convite de Mário Soares, então a cumprir o primeiro mandato enquanto chefe de Estado, em 1987 é nomeada chanceler das Ordens Honoríficas. Mas por lá permanece somente três anos.

«Ela afastou-se e ele respeitou isso. Ele gostaria de ter tido a Sophia sempre no Parlamento, porque era uma voz importante, uma mulher de cultura. Mas também percebeu que ela era sobretudo poeta. E respeitou isso. Mas ela tinha sempre a frontalidade de lhe dizer que não estava de acordo. Tinha essa relação muito próxima».

Isabel Soares.

Em 2010, a Assembleia da República atribuiu uma medalha de ouro à Comissão de Socorro aos Presos Políticos, recebida por frei Bento Domingues e Levy Baptista. Este convida para seu chefe de gabinete no Ministério da Justiça, manda encaixilhar um cartaz com o poema de Sophia, que pendura na parede das instalações ministeriais:

Texto 89

Catarina Eufémia¹⁹

O primeiro tema da reflexão grega é a justiça
E eu penso nesse instante em que ficaste exposta
Estavas grávida porém não recuaste
Porque a tua lição é esta: fazer frente

Pois não deste homem por ti
E não ficaste em casa a cozinhar intrigas
Segundo o antiquíssimo método oblíquo das mulheres
Nem usaste de manobra ou de calúnia
E não serviste apenas para chorar os mortos

Tinha chegado o tempo
Em que era preciso que alguém não recuasse
E a terra bebeu um sangue duas vezes puro

Porque eras a mulher e não somente a fêmea
Eras a inocência frontal que não recua
Antígona poisou a sua mão sobre o teu ombro no instante em que morreste

E a busca da justiça continua

Catarina Eufémia
por Sophia de Mello



Catarina Efigénia Sabino Eufémia

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1972) *Dual*

¹⁹ **Catarina Efigénia Sabino Eufémia** (Baleizão, Beja, 13 de Fevereiro de 1928 — Monte do Olival, Baleizão, Beja, 19 de Maio de 1954) foi uma trabalhadora agrícola portuguesa que, na sequência de uma greve de assalariadas rurais, foi assassinada com três tiros quase à queima-roupa, pelas costas, pelo tenente João Tomaz Carrajola da Guarda Nacional Republicana. Com vinte e seis anos, analfabeta, Catarina tinha três filhos, um dos quais de oito meses. Ofereceu resistência ao regime salazarista, sendo ícone da resistência no Alentejo.

Ponto 16 – O Tejo e o mar

A maravilhosa vista sobre o Tejo a desaguar no oceano é o ponto de partida para a evocação do **mar** como convergência na poesia de Sophia²⁰.

Texto 90

Tejo

Aqui e além em Lisboa – quando vamos
Com pressa ou distraídos pelas ruas
Ao virar da esquina de súbito avistamos
Irisado o Tejo:
Então se tornam
Leve o nosso corpo e a alma alada

Julho de 1994

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1994) *Musa*



O Mar, enquanto temática, está presente em toda a obra de Sophia.

Texto 91

Inscrição

Quando eu morrer voltarei para buscar
Os instantes que não vivi junto do mar

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1962) *Livro sexto*

Quando eu morrer
por Sophia de Mello

– Mar do Norte



Túmulo do bisavô Jann
Henrich.

Se Jann Hinrich Andresen não tivesse respondido ao apelo do Mar, a cultura portuguesa não teria conhecido Sophia de Mello Breyner. A relação da poeta com o Mar acontece mesmo antes desta nascer. Partindo de Oevenum, nas Ilhas Frísias, com vontade de navegar rumo a sul, Jann Hinrich desembarcou no Porto, onde enriqueceu com o comércio do vinho. Para a poeta o Mar será também um elemento central da sua vida, e por consequência da sua obra. Mas, ao contrário do bisavô, para quem o Mar se transformou num local de eterna saudade, Sophia verá no Mar felicidade e plenitude, um lugar de renovação física e espiritual. Aprendendo no Mar o gosto pela forma bela, pela liberdade, pela poesia.

Texto 92

A Saga

–Avô –disse Joana– porque que estás sempre a olhar para o mar?

²⁰ Vanessa Azevedo Reis (2019) *Mar de Sophia – “Metade da minha alma é feita de maresia”: Construção de um roteiro literário*. Projeto realizado no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual. Universidade do Porto. <https://museudigital.pt/pt/roteiros/17>.

- Ah! –respondeu Hans.– Porque o mar é o caminho para a minha casa.(...)
–Quando eu morrer –pediu Hans– mandem construir um navio em cima da minha sepultura.
–Um navio? –murmurou o filho mais velho. – Um navio como?
–Naufragado –disse Hans. E até morrer não falou mais.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1984) *Histórias da Terra e do Mar*

Como é narrado em *A Saga*, após a morte de Jann Henrich, a sua vontade é cumprida, e ainda hoje podemos visitar o peculiar jazigo no cemitério de Agramonte, no Porto. No conto *A Saga*, Sophia evoca a memória deste antepassado através da personagem de Hans.

– Mar da praia da Granja

O primeiro mar que surgiu na vida de Sophia foi o Atlântico. A **Praia da Granja** foi um lugar privilegiado para a aristocracia portuguesa que aí se instalava para passar os verões e receber os benefícios do iodo. Tradição que levou Sophia ao encontro deste lugar. É aqui que tem o primeiro contacto com o Mar, “paraíso terrestre da minha infância e adolescência”. Foi aqui que escreveu muitos poemas, e se inspirou para o conto *A Menina do Mar*, baseada numa história que a mãe lhe costumava contar.

Texto 93

Inicial

O mar azul e branco e as luzidias
Pedras — O arfado espaço
Onde o que está lavado se relava
Para o rito do espanto e do começo
Onde sou a mim mesma devolvida
Em sal espuma e concha regressada
À praia inicial da minha vida



Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1972) *Dual*

Texto 94

Era uma vez uma praia Atlântica

Do Atlântico frio mesmo quando agitado saíamos quase sempre gelados e felizes, a bater os dentes, com a ponta dos dedos branca, os beiços roxos. (...) Havia em tudo isto um conforto rudimentar e fresco, um cheiro a sal, a ervas e a madeira e uma beleza feita de ainda não haver plástico e de o contraplacado, o cromado e outras invenções serem reservadas para usos diferentes. (...) Eu estava sentada à sombra do toldo ao lado da minha mãe. As ondas inchavam o seu dorso e desabavam sobre a praia. A areia molhada luzia. A vida era celestemente terrestre. Onde estávamos, cheirava a maresia e a jardim. O perfume da felicidade invadia o mundo.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1997) *Era uma vez uma praia Atlântica*

Texto 95

Casa Branca

Casa branca em frente ao mar enorme,
Com o teu jardim de areia e flores marinhas
E o teu silêncio intacto em que dorme
O milagre das coisas que eram minhas.

... ..

A ti eu voltarei após o incerto
Calor de tantos gestos recebidos
Passados os tumultos e o deserto
Beijados os fantasmas, percorridos
Os murmúrios da terra indefinida.

Em ti renascerei num mundo meu
E a redenção virá nas tuas linhas
Onde nenhuma coisa se perdeu
Do milagre das coisas que eram minhas.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1944) *Poesia*

Casa Branca por
Sophia de Mello

Texto 96

Há muito

Há muito que deixei aquela praia
De grandes areais e grandes vagas
Mas sou eu ainda quem na brisa respira
E é por mim que espera cintilando a maré vaza

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1972) *Dual*

Texto 97

Mar

I

De todos os cantos do mundo
Amo com um amor mais forte e mais profundo
Aquele praia extasiada e nua,
Onde me uni ao mar, ao vento e à lua.

II

Cheiro a terra as árvores e o vento
Que a Primavera enche de perfumes
Mas neles só quero e só procuro
A selvagem exalação das ondas
Subindo para os astros como um grito puro.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1944) *Poesia*

Mar por Sophia de
Mello

— O Algarve e Lagos

Lagos torna-se o principal local onde Sophia permaneceu nas visitas ao Algarve. Inspiração de vários poemas, a escritora identifica-se e encontra conforto, reconhecendo Lagos como um local onde a aliança com as coisas não se perdeu nem foi corrompida, numa continuidade entre o físico e metafísico, entre o natural e o humano.

Texto 98

Caminho da Manhã

Vais pela estrada que é de terra amarela e quase sem nenhuma sombra. As cigarras cantarão o silêncio de bronze. À tua direita irá primeiro um muro caiado que desenha a curva da estrada. Depois encontrarás as figueiras transparentes e enroladas; mas os seus ramos não dão nenhuma sombra. E assim irás sempre em frente com a pesada mão do Sol pousada nos teus ombros, mas conduzida por uma luz levíssima e fresca. Até chegares às muralhas antigas da cidade que estão em ruínas. Passa debaixo da porta e vai pelas pequenas ruas estreitas, direitas e brancas, até encontrares em frente do mar uma grande praça quadrada e clara que tem no centro uma estátua. Segue entre as casas e o mar até ao mercado que fica depois de uma alta parede amarela. Aí deves parar e olhar um instante para o largo pois ali o visível se vê até ao fim. E olha bem o branco, o puro branco, o branco da cal onde a luz cai a direito. Também ali entre a cidade e a água não encontrarás nenhuma sombra; abriga-te por isso no sopro corrido e fresco do mar. Entra no mercado e vira à tua direita e ao terceiro homem que encontrares em frente da terceira banca de pedra compra peixes. Os peixes são azuis e brilhantes e escuros com malhas pretas. E o homem há-de pedir-te que vejas como as suas guelras são encarnadas e que vejas bem como o seu azul é profundo e como eles cheiram realmente, realmente a mar. Depois verás peixes pretos e vermelhos e cor-de-rosa e cor de prata. E verás os polvos cor de pedra e as conchas, os búzios e as espadas do mar. E a luz se tornará líquida e o próprio ar salgado e um caranguejo irá correndo sobre uma mesa de pedra. À tua direita então verás uma escada: sobe depressa mas sem tocar no velho cego que desce devagar. E ao cimo da escada está uma mulher de meia idade com rugas finas e leves na cara. E tem ao pescoço uma medalha de ouro com o retrato do filho que morreu. Pede-lhe que te dê um ramo de louro, um ramo de orégãos, um ramo de salsa e um ramo de hortelã. Mais adiante compra figos pretos: mas os figos não são pretos mas azuis e dentro são cor-de-rosa e de todos eles corre uma lágrima de mel. Depois vai de vendedor em vendedor e enche os teus cestos de frutos, hortalças, ervas, orvalhos e limões. Depois desce a escada, sai do mercado e caminha para o centro da cidade. Agora aí verás que ao longo das paredes nasceu uma serpente de sombra azul, estreita e comprida. Caminha rente às casas. Num dos teus ombros pousará a mão da sombra, no outro a mão do Sol. Caminha até encontrares uma igreja alta e quadrada.



Sophia na praia Dona Ana, com um pescador e o filho Xavier. Início dos anos 60.

Lá dentro ficarás ajoelhada na penumbra olhando o branco das paredes e o brilho azul dos azulejos. Aí escutarás o silêncio. Aí se levantará como um canto o teu amor pelas coisas visíveis que é a tua oração em frente do grande Deus invisível.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1962) *Livro Sexto*

— A Praia das Grutas

Guiada pelo barqueiro José Machucho, o contacto com as grutas próximas da praia tem um profundo impacto em Sophia. Vê nelas um santuário, um lugar de particular proximidade com o sagrado.

Texto 99

As grutas

O esplendor poisava solene sobre o mar. E —entre as duas pedras erguidas numa relação tão justa que é talvez ali o lugar da Balança onde o equilíbrio do homem com as coisas é medido— quase me cega a perfeição como um sol olhado de frente. Mas logo as águas verdes em sua transparência me diluem e eu mergulho tocando o silêncio azul e rápido dos peixes. Porém a beleza não é só solene mas também inumerável. De forma em forma vejo o mundo nascer e ser criado. Um grande rascasso vermelho passa em frente de mim que nunca antes o imaginara. Limpa, a luz recorta promontórios e rochedos. É tudo igual a um sonho extremamente lícido e acordado. Sem dúvida um novo mundo nos pede novas palavras, porém é tão grande o silêncio e tão clara a transparência que eu muda encosto a minha cara na superfície das águas lisas como um chão.

As imagens atravessam os meus olhos e caminham para além de mim. Talvez eu vá ficando igual à almadilha da qual os pescadores dizem ser apenas água.

Estarão as coisas deslumbradas de ser elas? Quem me trouxe finalmente a este lugar? Ressoa a vaga no interior da gruta rouca e a maré retirando deixou redondo e doirado o quarto de areia e pedra. No centro da manhã, no centro do círculo do ar e do mar, no alto do penedo, no alto da coluna está poisada a rola branca do mar. Desertas surgem as pequenas praias.

Um fio invisível de deslumbrado espanto me guia de gruta em gruta. Eis o mar e a luz vistos por dentro. Terror de penetrar na habitação secreta da beleza, terror de ver o que nem em sonhos eu ousara ver, terror de olhar de frente as imagens mais interiores a mim do que o meu próprio pensamento. Deslizam os meus ombros cercados de água e plantas roxas. Atravesso gargantas de pedra e a arquitectura do labirinto paira roída sobre o verde. Colunas de sombra e luz suportam céu e terra. As anémonas rodeiam a grande sala de água onde os meus dedos tocam a areia rosada do fundo. E abro bem os olhos no silêncio líquido e verde onde rápidos, rápidos fogem de mim os peixes. Arcos e rosáceas suportam e desenharam a claridade dos espaços matutinos. Os palácios do rei do mar escorrem luz e água. Esta manhã é igual ao princípio do mundo e aqui eu venho ver o que jamais se viu.

O meu olhar tornou-se liso como um vidro. Sirvo para que as coisas se vejam.

E eis que entro na gruta mais interior e mais cavada. Sombrias e azuis são águas e paredes. Eu queria poisar como uma rosa sobre o mar o meu amor neste silêncio. Queria que o contivesse para sempre o círculo de espanto e de medusas. Aqui um líquido sol fosforescente e verde irrompe dos abismos e surge em suas portas.

Mas já no mar exterior a luz rodeia a Balança. A linha das águas é lisa e limpa como um vidro. O azul recorta os promontórios aureolados de glória matinal. Tudo está vestido de solenidade e de nudez. Ali eu queria chorar de gratidão com a cara encostada contra as pedras.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1962) *Livro Sexto*

Texto 100

Gruta do leão

Para além da terra pobre e desflorida
Mostra-me o mar a gruta roxa e rouca
Feita de puro interior
E povoada
De cava ressonância e sombra e brilho.

Gruta do leão

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1962) *Livro Sexto*

— Senhora da Rocha

Situada num extenso promontório, a Ermida de Nossa Senhora da Rocha parece situar-se sobre o Mar. Materializa o medo imemorial dos perigos de navegar, sendo plausível que a atual estrutura tenha vindo concretizar práticas anteriores. Remontando pelo menos ao período Visigótico, nela se encerra uma escultura de Nossa Senhora que Sophia relacionou com a estátua da Vitória de Samotrácia, conservada no Louvre.

Texto 101

Senhora da Rocha

Tu não estás como Vitória à proa
Nem abres no extremo do promontório as tuas asas
Nem caminhas descalça nos teus pátios quadrados e caiados
Nem desdobras o teu manto na escultura do vento
Nem ofereces o teu ombro à seta da luz pura

Mas no extremo do promontório
Em tua pequena capela rouca de silêncio
Imóvel muda inclinas sobre a prece
O teu rosto feito de madeira e pintado como um barco

O reino dos antigos deuses não resgatou a morte
E buscamos um deus que vença connosco a nossa morte
É por isso que tu estás em prece até ao fim do mundo
Pois sabes que nós caminhamos nos cadafalsos do tempo

Tu sabes que para nós existe sempre
O instante em que se quebra a aliança do homem com as coisas
Os deuses de mármore afundam-se no mar
Homens e barcos pressentem o naufrágio

E por isso não caminhas cá fora com o vento
No grande espaço liso da luz branca
Nem habitas no centro da exaltação marinha
O antigo círculo dos deuses deslumbrados

Mas rodeada pela cal dos pátios e dos muros
Assaltada pelo clamor do mar e a veemência do vento
Inclinas o teu rosto
Imóvel muda atenta como antena

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1967) *Geografia*

— Ingrina

A autora encontrou nessa praia a epítome da sua relação com o lugar, imortalizando-a num poema com o seu nome. A sinestesia entre o calor do Sol, o som onnipresente das cigarras, o cheiro dos orégãos e o Mar confluem para um sentimento de plenitude e de comunhão com o espaço. Desta união emanava uma sensação de renovação e renascimento, ao qual a poeta deseja sempre regressar.

Texto 102

Ingrina

O grito da cigarra ergue a tarde a seu cimo e o perfume do orégão invade a felicidade. Perdi a minha memória da morte da lacuna da perca do desastre. A onnipotência do sol rege a minha vida enquanto me recomeço em cada coisa. Por isso trouxe comigo o lírio da pequena praia. Ali se erguia intacta a coluna do primeiro dia —e vi o mar refletido no seu primeiro espelho. Ingrina.

É esse o tempo a que regresso no perfume do orégão, no grito da cigarra, na onnipotência do sol. Os meus passos escutam o chão enquanto a alegria do encontro me desaltera e sacia. O meu reino é meu como um vestido que me serve. E sobre a areia sobre a cal e sobre a pedra escrevo: nesta manhã eu recomeço o mundo.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1967) *Geografia*

— Grécia



Sophia de Mello Breyner e
Agustina Bessa-Luís.
Grécia. 1963

A relação de Sophia com a cultura grega remonta a sua infância. No ano em que aprendeu a ler, estando numas termas com a família sem livros, comprou um com o título *Mitologia Grega*. Fica fascinada pelas fotografias das estátuas, que lhe lembram «qualquer coisa da claridade, da respiração do Mar e do ritual das ondas». Era o início de uma paixão pela cultura helénica que a acompanhará o resto da sua vida. Esta seria aprofundada aos 12 anos através da leitura de Homero, desenvolvendo uma forte atracção pelas divindades gregas. Nos seus primeiros livros *Dia do Mar* (1947) e *Coral* (1950) revela o fascínio por Dionísio e Apolo, deuses que representam os impulsos da natureza.

Visita pela primeira vez a Grécia, em 1963, com Agustina Bessa Luís. Desde aí, sempre que podia regressava com amigos, com o marido, com os filhos, com os netos...

Texto 103

Evohé Bakkhos

Evohé deus que nos deste
A vida e o vinho
E nele os homens encontraram
O sabor do sol e da resina
E uma consciência múltipla e divina.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1944) *Poesia*

Texto 104

Ressurgiremos

Ressurgiremos ainda sob muros de Cnossos
E em Delphos centro do mundo
Ressurgiremos ainda na dura luz de Creta
—

Ressurgiremos ali onde as palavras
São o nome das coisas
E onde são claros e vivos os contornos
Na aguda luz de Creta
—

Ressurgiremos ali onde pedra estrela e tempo
São o reino do homem
Ressurgiremos para olhar para a terra de frente
Na luz limpa de Creta
—

Pois convém tornar claro o coração do homem
E erguer a negra exactidão da cruz
Na luz branca de Creta

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1962) *Livro Sexto*

— Delfos

Sophia reconhece em Delfos o centro do mundo grego, nele se compoem os vários elementos da paisagem: as montanhas, a luz do sol e o Mar como pano de fundo, elemento agregador e dominante do lugar. A ele se liga a vitalidade do espaço.

Texto 105

Delphica -IV

Desde a orla do mar
Onde tudo começou intacto no primeiro dia de mim
Desde a orla do mar
Onde vi na areia as pegadas triangulares das gaivotas
Enquanto o céu cego de luz bebia o ângulo do seu voo

Onde amei com êxtase a cor o peso e a forma necessária das conchas
 Onde vi desabar ininterruptamente a arquitectura das ondas
 E nadei de olhos abertos na transparência das águas
 Para reconhecer a anémone a rocha o búzio a medusa
 Para fundar no sal e na pedra o eixo recto
 Da construção possível

Desde a sombra do bosque
 Onde se ergueu o espanto e o não-nome da primeira noite
 E onde aceitei em meu ser o eco e a dança da consciência múltipla

Desde a sombra do bosque desde a orla do mar

Caminhei para Delphos
 Porque acreditei que o mundo era sagrado
 E tinha um centro
 Que duas águias definem no bronze de um voo imóvel e pesado

Porém quando cheguei o palácio jazia disperso e destruído
 As águias tinham-se ocultado no lugar da sombra mais antiga
 A língua torceu-se na boca da Sibila
 A água que eu primeiro escutei já não se ouvia

Só Antinoos mostrou o seu corpo assombrado
 Seu nocturno meio-dia

Delphos, maio de 1970

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1972) *Livro Dual*

— Creta

Ao visitar Creta nos anos 70 Sophia toma contacto com as ruínas do passado minoico da ilha. No entanto, para a poeta a essência do local residia não nos palácios destruídos, mas sim no Mar, intemporal. Como no resto da sua obra, encontra no Mar uma energia primordial, que dita a vida dos homens que com ele se relacionam.

Texto 106

O Minotauro

Em Creta
 Onde o Minotauro reina
 Banhei-me no mar

Há uma rápida dança que se dança em frente de um toiro
 Na antiquíssima juventude do dia

Nenhuma droga me embriagou me escondeu me protegeu
 Só bebi retsina tendo derramado na terra a parte que pertence aos deuses

De Creta

O Minotauro

Enfeitei-me de flores e mastiguei o amargo vivo das ervas
Para inteiramente acordada comungar a terra
De Creta
Beijei o chão como Ulisses
Caminhei na luz nua

Devastada era eu própria com a cidade em ruína
Que ninguém reconstruiu
Mas no sol dos meus pátios vazios
A fúria reina intacta
E penetra comigo no interior do mar
Porque pertenço à raça daqueles que mergulham de olhos abertos
E reconhecem o abismo pedra a pedra anémona a anémona flor a flor
E o mar de Creta por dentro é todo azul
Oferenda incrível de primordial alegria
Onde o sombrio Minotauro navega

Pinturas ondas colunas planícies
Em Creta
Inteiramente acordada atravessei o dia
E caminhei no interior dos palácios veementes e vermelhos
Palácios sucessivos e roucos
Onde se ergue o respirar de sussurrada treva
E nos fitam pupilas semi-azuis de penumbra de terror
Imanentes ao dia –
Caminhei no palácio dual de combate e conforto
Onde o príncipe dos Lírios ergue os seus gestos matinais

Nenhuma droga me embriagou me escondeu me protegeu
O Dionysos que dança comigo na vaga não se vende em nenhum mercado negro

Mas cresce como flor daqueles cujo ser
Sem cessar se busca e se perde de desune e se reúne
E esta é a dança do ser

Em Creta
Os muros de tijolo da cidade minóica
São feitos de barro amassado com algas
E quando me virei para trás da minha sombra
Vi que era azul o sol que tocava no meu ombro

Em Creta onde o Minotauro reina atravessei a vaga
De olhos abertos inteiramente acordada
Sem drogas e sem filtro
Só vinho bebido em frente da solenidade das coisas
Porque pertenço à raça daqueles que percorrem o labirinto
Sem jamais perderem o fio de linho da palavra

Outubro de 1970

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1972) *Livro Dual*

Texto 107

Pirata

Sou o único homem a bordo do meu barco.
Os outros são monstros que não falam,
Tigres e ursos que amarrei aos remos,
E o meu desprezo reina sobre o mar.

Gosto de uivar no vento com os mastros
E de me abrir na brisa com as velas,
E há momentos que são quase esquecimento
Numa doçura imensa de regresso.

A minha pátria é onde o vento passa,
A minha amada é onde os roseirais dão flor,
O meu desejo é o rastro que ficou das aves,
E nunca acordo deste sonho e nunca durmo.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1950) *Coral*

Pirata por
#verdadesprovisórias

Texto 108

Poema

A minha vida é o mar o Abril a rua
O meu interior é uma atenção voltada para fora
O meu viver escuta
A frase que de coisa em coisa silabada
Grava no espaço e no tempo a sua escrita

Não trago Deus em mim mas no mundo o procuro
Sabendo que o real o mostrará

Não tenho explicações
Olho e confronto
E por método é nu meu pensamento

A terra o sol o vento o mar
São minha biografia e são meu rosto

Por isso não me peçam cartão de identidade
Pois nenhum outro senão o mundo tenho
Não me peçam opiniões nem entrevistas
Não me perguntem datas nem moradas
De tudo quanto vejo me acrescento

E a hora da minha morte aflora lentamente
Cada dia preparada

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1967) *Geografia*

Poema por Sophia
de Mello

Liberdade

Aqui nesta praia onde
 Não há nenhum vestígio de impureza,
 Aqui onde há somente
 Ondas tombando ininterruptamente,
 Puro espaço e lúcida unidade,
 Aqui o tempo apaixonadamente
 Encontra a própria liberdade.

Marinheiro sen mar por Sophia de Mello

Marinheiro Sem Mar

Longe o marinheiro tem
 Uma serena praia de mãos puras
 Mas perdido caminha nas obscuras
 Ruas da cidade sem piedade
 Todas as cidades são navios
 Carregados de cães uivando à lua
 Carregados de anões e mortos frios
 E ele vai baloiçando como um mastro
 Aos seus ombros apoiam-se as esquinas
 Vai sem aves nem ondas repentinas
 Somente sombras nadam no seu rastro.
 Nas confusas redes do seu pensamento
 Prendem-se obscuras medusas
 Morta cai a noite com o vento
 E sobe por escadas escondidas
 E vira por ruas sem nome
 Pela própria escuridão conduzido
 Com pupilas transparentes e de vidro
 Vai nos contínuos corredores
 Onde os polvos da sombra o estrangulam
 E as luzes como peixes voadores
 O alucinam.
 Porque ele tem um navio mas sem mastros
 Porque o mar secou
 Porque o destino apagou
 O seu nome dos astros
 Porque o seu caminho foi perdido
 O seu triunfo vendido
 E ele tem as mãos pesadas de desastres
 E é em vão que ele se ergue entre os sinais
 Buscando a luz da madrugada pura
 Chamando pelo vento que há nos cais

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1958) *Mar novo*

Texto 110

Nenhum mar lavará o nojo do seu rosto
 As imagens são eternas e precisas
 Em vão chamará pelo vento
 Que a direito corre pelas praias lisas
 Ele morrerá sem mar e sem navios
 Sem rumo distante e sem mastros esguios
 Morrerá entre paredes cinzentas
 Pedacos de braços e restos de cabeças
 Boiarão na penumbra das madrugadas lentas.
 *

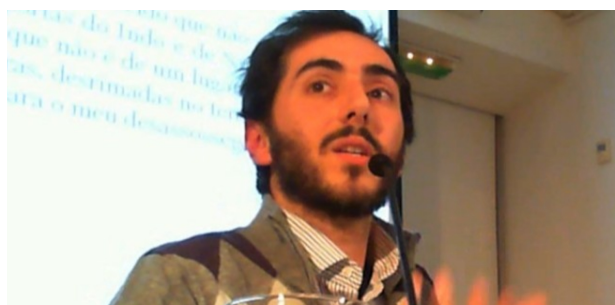
E ao Norte e ao Sul
 E ao Leste e ao Poente
 Os quatro cavalos do vento
 Sacodem as suas crinas
 E o espírito do mar pergunta:

«Que é feito daquele
 Para quem eu guardava um reino puro
 De espaço e de vazio
 De ondas brancas e fundas
 E de verde frio?»

Ele não dormirá na areia lisa
 Entre medusas, conchas e corais
 Ele dormirá na podridão
 E ao Norte e ao Sul
 E ao Leste e ao Poente
 Os quatro cavalos do vento
 Exactos e transparentes
 O esquecerão

Porque ele se perdeu do que era eterno
 E separou o seu corpo da unidade
 E se entregou ao tempo dividido
 Das ruas sem piedade.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN
 (1958) *Mar novo*



A visita contará ainda com a presença de Fabrizio Boscaglia e intervenções dele sobre Lisboa e Sophia de Mello Breyner Andresen

Fabrizio Boscaglia é subdiretor do Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona, onde é professor auxiliar convidado e membro do Centro de Investigação LusoGlobe. Doutor em Filosofia pela Universidade de Lisboa, com a qual colabora. Os seus interesses de investigação são: o Islão na cultura portuguesa contemporânea; Fernando Pessoa; o Sufismo (a mística islâmica). Autor e coordenador de livros e publicações a nível internacional, como, entre outras, *Orpheu Filosófico: a Geração de Orpheu entre Artes e Filosofia* (com Paulo Borges e Pedro Vistas, 2022) e *Adalberto Alves: 40 anos de vida literária* (com Maria João Cantinho, 2023). Editor convidado das revistas *Pessoa Plural* (Brown University, 2016) e *El Azufre Rojo* (Universidad de Murcia, 2019). Curador convidado da exposição *Sabedoria Divina: o caminho dos sufis* no Museu Calouste Gulbenkian (2023), assim como de exposições na Biblioteca Nacional de Portugal. Docente em Turismo Literário no Turismo de Portugal, consultor em Turismo Literário no Lisboa Pessoa Hotel. Autor de um livro de poemas (*Il ritorno dell'anima*, 2021), coordenador para Portugal da associação de estudos MIAS-Latina, consultor no King's College London.

São Tiago de Compostela

a D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto

A São Tiago não irei
Como turista. Irei
—Se puder— como peregrino
Tocarei a pedra e rezarei
Os padre-nossos da conta como um campestino

Assim pudesse o poema
Ter doçura de trigo
O seu brilho polido
A mesma humildade
Assim pudesse o poema
Como a pedra esculpida
Do pórtico antigo
Ter em si próprio a mesma
Compacta alegria
Cereal claridade
Ante o voo de ave
Do espírito que ergue
Os pilares da nave

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1989) *Ilhas*

Fernando Pessoa

Teu canto justo que desdenha as sombras
Limpando de vida viúvo de pessoa
Teu corajoso ousar não ser ninguém
Tua navegação com bússola e sem astros
No mar indefinido
Teu exacto conhecimento impositivo.

Criaram teu poema arquitectura
E és semelhante a um deus de quatro rostos
E és semelhante a um deus de muitos
nomes
Cariátide de ausência isento de destinos
Invocando a presença já perdida
E dizendo sobre a fuga dos caminhos
Que foste como as ervas não colhidas.

Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN (1977) *O nome das coisas*

